



O PROMETIDO

Leituras do Advento da Christianity Today

2022

O PROMETIDO



Leituras do Advento da Christianity Today

2022

CT



O Prometido: Leituras do Advento da Christianity Today.
Copyright © 2022, Christianity Today. Todos os direitos reservados.

Christianity Today, 465 Gundersen Dr., Carol Stream, IL 60188
ChristianityToday.com

Salvo indicações em contrário, todas as citações bíblicas foram extraídas da Bíblia Sagrada, NOVA VERSÃO INTERNACIONAL®, NIV® Copyright © 1973, 1978, 1984, 2011, Biblica, Inc.® Usado com permissão. Todos os direitos reservados no mundo inteiro.

As citações bíblicas identificadas por (ESV) foram extraídas da Bíblia ESV® (Bíblia Sagrada, English Standard Version®), copyright ©2001, Crossway, um ministério de publicações da Good News Publishers. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

As citações bíblicas identificadas por (MSG) foram extraídas de A MENSAGEM, copyright © 1993, 2002, 2018, Eugene H. Peterson. Usado com permissão da NavPress. Todos os direitos reservados. Representado por Tyndale House Publishers, Inc.

As citações bíblicas identificadas por (KJV) foram extraídas da Versão King James. Domínio público.

Editora: Kelli B. Trujillo
Diretora de Design: Sarah Gordon
Designer Sênior: Jared Boggess

Tradução: Mariana Albuquerque e Marisa Lopes
Edição em português: Marisa Lopes
Diagramação: Rick Szuecs

Ilustração: de Stephen Crotts

*Porque um menino nos nasceu...**

ISAÍAS 9.6



Durante o Advento, preparamos o coração para celebrar a chegada desta criança — o menino Jesus, que está deitado em uma manjedoura, amado por Maria e José, adorado por pastores e sábios. Mas o Advento — que significa “chegada” — nos convida a uma preparação que vai muito além da noite santa de seu nascimento.

Ao longo da história da igreja, o Advento tem sido uma época de antecipação. Começou nos primeiros séculos do cristianismo como um período penitencial, em preparação para a Epifania — a celebração da aparição de Jesus e a revelação de sua identidade, dia que também era reservado para o batismo de novos crentes. Logo depois, o Advento começou a se concentrar na antecipação de outra aparição: a segunda vinda de Cristo. Na Idade Média, os temas que costumamos associar ao Advento hoje se tornaram parte da observância da igreja, pois os cristãos incluíam a antecipação da celebração do Natal ao lado da contemplação da volta de Jesus.

Cada um desses temas históricos se

entrelaça ao longo das leituras bíblicas tradicionais do Advento, pois as promessas e profecias da Bíblia falam amplamente sobre a identidade e o propósito de Jesus. À medida que nos aprofundamos nessas verdades, nossa adoração do bebê na manjedoura é enriquecida, pois nos ajoelhamos diante daquele que tornaria sua identidade manifesta por meio de milagres de grande poder. Nós nos curvamos diante daquele que um dia virá novamente em glória, para julgar os vivos e os mortos.

Isaías contém algumas das profecias mais cativantes que apontam para Jesus. Lemos sobre um filho prometido que seria chamado Emanuel — Deus conosco (7.14). Aprendemos sobre uma luz que brilhará sobre os que vivem em trevas (9.2). E encontramos esta promessa retumbante:

Porque um menino nos nasceu,
um filho nos foi dado,
e o governo está sobre os seus ombros.
E ele será chamado

Maravilhoso Conselheiro,
Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz.
Ele estenderá o seu domínio,
e haverá paz sem fim sobre o trono de Davi
e sobre o seu reino, estabelecido
e mantido com justiça e retidão,
desde agora e para sempre.
O zelo do Senhor dos Exércitos
fará isso.

Isaías 9,6-7

As profecias das Escrituras sobre o Prometido em geral possuem camadas de significado e múltiplos cumprimentos. Elas frequentemente apontam para um cumprimento na própria época do profeta, mas também direcionam nosso olhar para o Messias e sua primeira vinda, bem como para o Segundo Advento que aguardamos.

Neste devocional da CT, exploramos o que as Escrituras nos dizem sobre o Prometido, aprofundando nossa fé no Salvador que conhecemos e amamos. As

reflexões diárias mergulham em passagens-chave que nos ajudam a entender mais sobre quem é Jesus. Cada tema semanal gira em torno de um aspecto central da identidade de Jesus extraído das profecias de Isaías.

O DEUS PODEROSO

As tradicionais primeiras leituras do Advento podem parecer chocantemente em desacordo com nossas expectativas de Natal. Em vez de azevinho [planta natalícia utilizada na decoração] e luz de velas, lemos sobre os horrores do fim dos tempos. Em vez de anjos que se regozijam, começamos com um profeta clamando em alta voz por arrependimento. Essas passagens nos tiram de nossa mentalidade acomodada para nos lembrar que Jesus é o Deus Poderoso. O Salvador, cujo nascimento estamos nos preparando para celebrar, é o próprio Filho do Homem que um dia voltará para julgar os vivos e os mortos. Ele é aquele para quem Deus enviou um mensageiro, a fim de lhe preparar o caminho: João Batista, a voz que clamava no deserto, dando testemunho do poder e da glória de Jesus. A criança na manjedoura é o Deus Poderoso cujo reino nunca terá fim.

O PRÍNCIPE DA PAZ

Muitas das passagens do Antigo Testamento que falam do Advento nos levam a refletir sobre a paz pessoal que podemos



experimentar com Deus e a vislumbrar a paz definitiva que o Prometido um dia trará. Guerra, violência e dor chegarão ao fim. Povos e nações há muito divididos vão adorar juntos, como um só. Mas as Escrituras nos levam para além dessa nossa inclinação a uma visão sentimentalista de paz, desafiando-nos a ver que a paz que Cristo traz é robusta e abrangente. Ela vem não apenas por meio do amor de Jesus, mas também por seu grande poder — pois sua paz está diretamente ligada à sua justiça. Ela está ligada ao seu justo juízo. E a paz que ele traz foi comprada por um alto preço.

A LUZ DO MUNDO

Do início ao fim das Escrituras, vemos a luz ser usada como metáfora para nos ajudar a entender a presença de Deus, a salvação, a vida de fé e o próprio Jesus. Lemos promessas de uma luz que brilhará de forma intensa e não poderá ser contida pela escuridão. Quando andou pela terra, Jesus se identificou como essa luz prometida — a mesma cuja presença um dia iluminará a cidade de Deus (Apocalipse 21.23). E, de uma forma crucial, Jesus é luz não apenas para você e para mim, mas *para o mundo*. Como as Escrituras deixam claro repetidamente, ele é

o Prometido para todas as nações, que inaugura seu reino global e multiétnico.

EMANUEL

Na última semana do Advento, concentramos nosso foco nos acontecimentos em torno da Natividade, quando o Prometido — o Deus Poderoso, o Príncipe da Paz, a Luz do Mundo — entrou na humanidade como uma criança recém-nascida. Ali estava Emanuel, o *Deus conosco*. Ali estava o Verbo que se fez carne e habitou entre nós (João 1.14). As promessas seculares sobre ele reverberam na aclamação dos anjos, na mensagem dos pastores, no louvor profético de um homem e uma mulher idosos e na jubilosa adoração dos gentios que vieram de longe para se curvar diante do Rei dos reis.

ELE É O PROMETIDO

Neste Advento, enquanto nos preparamos para celebrar o nascimento de Jesus, que possamos contemplar profundamente as promessas das Escrituras sobre *quem ele é e o que veio fazer*. Ao adorarmos diante da manjedoura, que possamos nos maravilhar pelo fato de que esta criança *é* o Deus Poderoso, *é* o Príncipe da Paz e *é* a Luz do Mundo. Ele é aquele que veio para morrer. É aquele que ressuscitou triunfante, que ascendeu aos céus e que cumprirá sua promessa de voltar em glória. Ele decretará a justiça e trará ao auge o seu reino de paz. Ele é o Emanuel, o Deus conosco.

Cristo, o eterno Senhor

KELLI B. TRUJILLO

Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz.

(ISAÍAS 9.6)



De todos os sinais comuns a esta época que antecede o Natal — luzes enfeitando as casas, exposição de presépios, árvores de Natal enfeitadas — o que aguardo com mais expectativa são as músicas. Os cânticos do Advento e do Natal convidam-nos a retratar os acontecimentos que nos são familiares: a sagrada família na cena do nascimento, os anjos cantando para os pastores maravilhados, os reis magos a caminho da “pequena” Belém. Esses amados hinos e cânticos de Natal nos aquecem o coração.

No entanto, entre os nossos muitos hinos e cânticos favoritos, há letras tecidas que rompem essa nossa familiaridade e declaram uma realidade teológica surpreendente: O recém-nascido que está na manjedoura *é o Deus Poderoso*.

Hinos como “Hark the Herald Angels Sing” [Ouçam os anjos mensageiros a cantar] e “We Three Kings” [Nós, os três reis magos] nos exortam a compreender quem esta criança realmente

é: “Envolto em carne a Divindade vemos; salve a Divindade encarnada.” “Glorioso agora eis que ele se levanta; Rei e Deus e sacrifício.”

“Vem, Jesus, há muito esperado” ecoa este profundo paradoxo em palavras simples: “Nasceu criança e, ainda assim, rei”. Essas letras repercutem a verdade de Isaías 9.6-7. Essa criança é o Prometido que reinará eternamente no trono de Davi, estabelecendo seu reino de justiça, retidão e paz.

É um mistério insondável sobre o qual o Novo Testamento também nos convida a refletir. O autor de Hebreus proclama: “O Filho é o resplendor da glória de Deus” e o “herdeiro de todas as coisas” (1.2-3). Paulo enfatiza que “nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis [...] nele tudo subsiste” (Cl 1.16-17). Jesus Cristo é soberano sobre todas as coisas; nele, a plenitude de Deus habita.

Ele é o filho prometido que o povo de Deus aguardava, cujo nascimento estamos nos preparando para celebrar. Ele é o Senhor para quem Deus enviou um mensageiro, a fim de que lhe preparasse o caminho, pregando uma mensagem de arrependimento. Ele é o Salvador que, em sua missão de amor e redenção, viria a derrotar o poder do pecado e da morte por meio de seu sacrifício na cruz e de sua ressurreição vitoriosa. Ele é aquele cujo retorno aguardamos com esperança, confiantes no “Rei dos

reis e Senhor dos senhores, o único que é imortal e habita em luz inacessível” (1Tm 6.15-16).

Essa realidade — que a criança na manjedoura é o Deus Poderoso — é algo que está muito além do que podemos compreender plenamente. *E, ainda assim, é verdade.* Com admiração e humildade, atendemos à exortação feita no cântico “Oh Holy Night” [Ó noite santa]: “Caíam de joelhos!” Em humilde gratidão, nós o adoramos.

Que todos dentre nós louvem seu santo nome.

Cristo é o Senhor! Ó louvem o seu nome para sempre!

Proclamem para sempre seu poder e sua glória!

Proclamem para sempre seu poder e sua glória!

Refleta sobre Isaías 9.6-7; Colossenses 1.15-20; e Hebreus 1.1-12.

Opcional: Leia também 1 Timóteo 6.13-16.

Qual descrição da força e do poder de Jesus chama sua atenção nessas passagens? Por quê? Como essa verdade pode moldar sua adoração nesta época do Advento?

Um caminho no deserto

MARLENA GRAVES



*Uma voz clama:
“No deserto
preparem o caminho
para o Senhor;
façam no deserto um
caminho reto para o
nosso Deus.”*

(ISAÍAS 40.3)

Em Isaías 40, encontramos os israelitas deportados para uma terra estrangeira — exilados e cativos na antiga Babilônia. A cidade localizava-se a cerca de uma hora ao sul da moderna Bagdá, no Iraque, e era considerada o centro da civilização mesopotâmica, uma cidade cosmopolita desértica, com jardins suspensos, que era famosa por Hamurabi e seu código. Mas o povo de Deus não queria ficar preso ali. Eles queriam *ir para casa*, voltar para Jerusalém. No entanto, estavam longe, muito longe de casa, sem esperança de retornar.

Nesse contexto destituído de esperança, eles experimentaram o irromper da graça de Deus. “Consolem”, bradou o profeta — verbo em hebraico com o sentido de *encoragem e fortaleçam*. Sua mensagem era algo semelhante a “Sejam consolados, tenham esperança!”

Este não é o fim. Vocês verão e experimentarão algo que jamais poderiam ter imaginado em sua vida no deserto”. Assim como seus antigos ancestrais experimentaram provisão e libertação miraculosas no deserto egípcio, eles também veriam Deus abrir um caminho no deserto para eles.

Se colocarmos lado a lado Isaías 40.1-5 e Malaquias 3.1-4 e 4.5-6, veremos a promessa que Deus fizera de enviar um mensageiro que prepararia os corações de seu povo para a libertação. Eles seriam purificados como que por fogo, para que pudessem ver a Deus, a si mesmos e ao mundo com mais clareza. Nessa libertação, o que havia sido dilacerado pelo exílio, como os relacionamentos familiares, um dia seria emendado novamente (Ml 4.5-6).

Deus manteve sua palavra; mais tarde, os israelitas voltaram para Jerusalém. No entanto, essa volta não foi o fim da profecia. Séculos mais tarde, outro profeta, João Batista, prepararia o caminho para que o Deus Poderoso, nosso Senhor Jesus Cristo, salvasse seu povo de sua existência exílica — uma existência como exilados de Deus e uns dos outros, devido ao pecado. João Batista abrandaria o coração das pessoas para a chegada de Cristo.

Há ainda outra camada de cumprimento da profecia de Malaquias (3.1-4). Ela aponta para a segunda vinda de Jesus, quando seremos refinados — purificados — à medida que o Senhor fizer

novas todas as coisas (veja Ap 21.5).

Libertações fantásticas em situações desesperadoras não estão relegadas à história antiga. Deus Todo-Poderoso realiza todos os dias proezas espetaculares de libertação. Na verdade, Deus surge quando toda esperança parece estar perdida. Podemos confiar no poder de Deus. Durante o Advento, somos lembrados de confiar naquele que foi Prometido e veio até nós como um recém-nascido que, mesmo sendo um bebê, detinha em suas pequenas mãos todo o poder e toda a força do universo, e muito além!

Você está no deserto, precisando de libertação — precisando que Deus, em seu poder, intervenha? Podemos não saber como ou quando a libertação vem, mas *ela virá*. Deus sempre vem. Peça a Deus que prepare o seu coração para a chegada dele e para a libertação que sempre a acompanha.

Refleta sobre Isaías 40.1-5 e Malaquias 3.1-4; 4.5-6.

Como você vê o poder de Deus nessas promessas, em suas camadas de cumprimento? Como essas passagens ecoam nossos próprios anseios e desejos?

Purificação verdadeira

MADISON N. PIERCE

“Eu os batizo com água para arrependimento. Mas depois de mim vem alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno nem de levar as suas sandálias. Ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo.”

(MATEUS 3.11)

Se formos honestos, à primeira vista, João Batista é praticamente o pior dos excêntricos que poderíamos imaginar. Ele vestia roupas feitas de pêlo de camelo com um cinto e comia gafanhotos. Seguindo pelo deserto da Judeia adentro, ele começa a pregar. Com certeza até nós mesmos conseguiríamos imaginar uma proclamação da vinda do Messias que aguçaria um pouco mais os ouvidos. João Batista poderia ter lembrado as pessoas das grandes promessas associadas ao Messias — que o Messias trará justiça, proporcionará cura, oferecerá estabilidade. Ele poderia lhes contar as *boas novas*.

João Batista, no entanto, fez algo bem diferente. Ele disse: “Arrependam-se, porque o Reino dos céus está próximo” (Mateus 3.2), e através do uso que Mateus faz da citação de Isaías 40.3, vemos João dizer ao povo, com palavras familiares e revestidas de autoridade, para que “façam veredas retas” — ou “Façam um caminho reto” (veja também João 1.23). João Batista começa por



aquilo que pode ser considerado uma má notícia, na verdade; ele lhes diz que precisam mudar.

E muitos deles ouvem. Como esse homem estranho é tão bem-sucedido em seu ministério? Mateus nos dá algumas pistas. Ele faz uma descrição seletiva de João Batista em que cada detalhe está carregado de significado. João veste roupas de pêlo de camelo com um cinto de couro? Esse era o traje de Elias. Ele come gafanhotos e mel? Essa era a refeição dos pobres. Mateus apresenta João Batista ao estilo dos profetas do passado, como um homem de Deus investido de autoridade que declara a palavra do Senhor.

As pessoas se aproximam de João Batista em busca de purificação — de uma lavagem ritual que simboliza seu arrependimento —, mas ele lhes promete que uma purificação mais eficaz está por vir. Essa purificação do Senhor virá através do “Espírito Santo e do fogo”.

Conforme João continua a explicar o ministério daquele que virá, suas

metáforas nos ajudam a entender o que significa ser batizado com o Espírito e com fogo. É purificação (em parte) por meio de separar o que é bom do que é ruim. João usa uma metáfora agrícola, que vemos em passagens como Salmos 1, um processo bem conhecido de sua audiência. Os agricultores usavam uma espécie de garfo para jogar os grãos para cima. Os grãos pesados e comestíveis caíam no solo, mas o joio, que era mais leve, geralmente era soprado pelo vento. Se ainda sobrasse algum joio a mais depois disso, o agricultor o separava e o queimava.

Esta é uma limpeza mais permanente do que uma lavagem, e acho que esse é exatamente o ponto. O batismo que João ministrava ao povo era importante, mas se não fosse acompanhado da obra do Espírito, seus efeitos eram temporários. Com o batismo de João apenas, eles precisariam se purificar novamente, mas a obra de Jesus por meio do Espírito é eficaz para sempre.

Refleta sobre Mateus 3.1-12.

Como você descreveria a mensagem de João Batista? Por que ela é uma boa notícia? Em oração, considere o que as palavras de João enfatizam sobre o poder e o propósito de Jesus.

Jesus merece toda a atenção

CRAIG L. BLOMBERG

*É necessário que
ele cresça e que eu
diminua.*

(JOÃO 3.30)

Ele deve aumentar, mas eu devo diminuir” (KJV). Lembro-me de ouvir esse versículo quando criança, e imaginar Jesus crescendo e crescendo cada vez mais, enquanto João Batista encolhia! O contexto da declaração de João esclarece seu significado: Os discípulos de João lhe disseram que “todos estão indo” até Jesus, então, João declara: “É necessário que ele cresça e que eu diminua.”

O ministério de João Batista começou antes do de Jesus, de modo que João viu o número de seguidores de Jesus crescer do zero para muito mais do que os que ele mesmo tinha. Isso poderia ter partido o coração desse pregador, pois “toda a região da Judeia e todo o povo de Jerusalém” estavam indo para o deserto para ver João Batista (Marcos 1.5).

O Evangelho de João, no entanto, consistentemente descreve João Batista como uma mera testemunha — alguém



que dá testemunho — da identidade e da grandeza de Jesus. Cada pedacinho das duas passagens que estamos vendo hoje nos mostra João explicando quem ele é, quem não é ou quem é Jesus. Líderes judeus de Jerusalém questionam João Batista sobre sua identidade, e ele nega ser qualquer tipo de Messias. Afirma que está apenas preparando o caminho para o Cristo. Sim, ele tem um ministério de batismo nas águas, mas seu status é muito inferior ao daquele que virá. João aponta Jesus como o cordeiro sacrificial de Deus, que tirará os pecados do mundo e mergulhará as pessoas no poder do Espírito Santo.

Mais tarde, quando os seguidores de Jesus ultrapassaram os de João Batista em número, este insiste em que isso é plenamente apropriado. Ele se compara a um simples padrinho de um casamento no qual o noivo é Jesus. A analogia de João em 3.29 é impressionante,

particularmente quando entendemos seu contexto cultural. O costume judaico antigo exigia que o padrinho esperasse do lado de fora do quarto, quando a noiva e o noivo consumavam o casamento. Pela tradição, o noivo gritava de alegria para confirmar sua nova intimidade conjugal, e o padrinho compartilhava dessa alegria.

A vida cristã consiste em se submeter cada vez mais a Jesus, o Deus Poderoso. Uma geração depois, Paulo diria em Filipenses 1.18 que “o importante é que de qualquer forma [...], Cristo está sendo pregado, e por isso me alegro”.

Eu me aposentei recentemente e preciso mais do que nunca aprender essa lição. Estar no centro das atenções não é o ponto. O ponto é humildemente engrandecer Jesus. É necessário que eu diminua.

Médite em João 1.19-34 e 3.22-30.

Considere o que o exemplo de João Batista nos mostra sobre quem é Jesus. Como a postura de João é instrutiva para nossa própria vida espiritual? Como podemos “diminuir”?

Jesus reinará

CRAIG L. BLOMBERG

*Assim, também
você precisam
estar preparados,
porque o Filho do
homem virá numa
hora em que vocês
menos esperam.*

(MATEUS 24.44)

As perguntas surgem com a primeira palavra desta passagem: “Imediatamente” (Mateus 24.29)!

A maior parte do restante do conteúdo dos versículos 29 a 31 quase sempre foi entendida como um texto que descreve a volta de Cristo, retratada poeticamente na linguagem de Isaías 13.10 e 34.4 como algo que envolve uma ruptura cósmica. (Alguns, em vez disso, tomaram-na como uma espécie de vinda invisível de Jesus em juízo, através da destruição de Jerusalém por Roma, em 70 d.C. — muito embora a ideia de reunir os eleitos de um canto ao outro do mundo não se encaixe nessa interpretação.)

Quando Cristo voltará? Esta mensagem proferida no monte das Oliveiras foi provocada pela pergunta dos discípulos de Jesus sobre quando ele voltaria (Mateus 24.3). Ele citou uma longa lista do que deveria acontecer primeiro (v. 4-26) e, agora, diz, em essência: Fiquem atentos a essas coisas para saber quando minha vinda está próxima, assim como as folhas de uma figueira anunciam a chegada do verão.

Exemplos de todas “estas coisas” ocorreram por volta de 70 d.C., de modo que a igreja, em todas as suas gerações desde então, acreditou que poderia ver sua volta. Jesus não



está dizendo que voltará no período de vida dos discípulos, mas apenas que todos os eventos preparatórios terão ocorrido. A expressão “essas coisas” no versículo 34 tem de significar o mesmo que a expressão “estas coisas” no versículo 33 — ambas mostram que o retorno de Cristo “está próximo”, mas ainda não chegou. Portanto, estas coisas não podem abranger a sua volta de fato — elas são meros sinais que preparam a volta de Cristo. Quando ele voltar, não estará mais apenas “próximo, às portas” (Mateus 24.33), mas terá chegado!

Não podemos saber o momento preciso de tudo isso, portanto, devemos estar sempre preparados. Aqueles que não estiverem serão pegos de surpresa pela rapidez e pelo espanto diante dos acontecimentos finais. Se permanecermos alertas o tempo todo, não precisamos nos preocupar com o ladrão que vem à meia-noite. Jesus, evidentemente, não está voltando para roubar nada de nós; é a ideia da *imprevisibilidade* que ele está destacando nesta comparação.

Mas o que dizer sobre as palavras “Imediatamente após a tribulação daqueles dias” (Mateus 24.29)? Talvez a angústia retratada aqui seja a que caracteriza todo o período entre as duas vindas de Cristo. Afinal, 2Timóteo 3.12 promete perseguição a todos os piedosos (mesmo em meio aos muitos momentos de alegria da vida cristã).

Seja como for que interpretemos isso, temos aqui o testemunho de Jesus sobre como o Deus Poderoso consertará todas as coisas no seu devido tempo. Hoje, muitos cristãos resgataram o chamado bíblico por justiça neste mundo, e com razão — devemos fazer tudo o que pudermos para ajudar os outros. Mas guerras, enfermidades, desastres naturais, ferimentos e deficiências, pobreza e relacionamentos rompidos exigem que, em última análise, confiemos em Deus para a *plena* restituição e restauração na eternidade. E, no grande esquema da eternidade, a sua volta provavelmente parecerá aos olhos de todos nós algo que de fato aconteceu “imediatamente”!

Refleta em Mateus 24.29-44.

Que perguntas esta passagem levanta para você? Que sentimentos desperta? Ore, refletindo sobre como essa passagem aponta seu foco para a força e o poder de Jesus.

O Juiz Fiel e Verdadeiro

GLENN PACKIAM



*Vi o céu aberto e
diante de mim um
cavalo branco, cujo
cavaleiro se chama Fiel
e Verdadeiro. Ele julga
e guerreia com justiça.*

(APOCALIPSE 19.11)

A estudante de pós-graduação que conversava comigo estava cheia de perguntas feitas por seus amigos agnósticos sobre o inferno e o juízo de Deus. Ela achava difícil conciliar o Deus de amor e a mensagem de perdão com as visões do tormento ardente. Enquanto conversávamos, expliquei que existem muitas visões cristãs ortodoxas de como será o juízo final, mas a *principal* coisa que os cristãos devem fazer é confiar em Jesus como Juiz. Ela ficou visivelmente aliviada.

Seja qual for o motivo — podemos culpar Dante ou a religião popular ou a superstição medieval —, muitas vezes imaginamos que o juízo de Deus é impessoal e frio, como uma execução em massa ou uma bomba detonada à distância. Mas o livro de Apocalipse deliberadamente nos mostra que *Jesus* está envolvido no julgamento das nações. Penso que há duas razões para isso.

Primeira, justiça e juízo são os dois lados da mesma moeda. Para decretar a justiça, deve-se executar o julgamento. Se queremos que Jesus, o Deus Poderoso, conserte o mundo, ele deve lidar junto com a injustiça e o mal. Nesse versículo a justiça e o juízo de Jesus são descritos de uma forma vívida, que teria impressionado as mentes do primeiro século: na figura de um guerreiro a cavalo empunhando uma espada. Mas devemos tomar cuidado com nossas suposições aqui.

O que nos leva à segunda razão pela qual Jesus é mostrado como aquele que traz a justiça e o juízo: O Jesus que está voltando é o mesmo Jesus que já veio. *Não há mudança de identidade entre os adventos.* “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre” (Hebreus 13.8); essa convicção nos ajuda a considerar *como* Jesus decreta a justiça e executa o juízo. Na cruz, Jesus morreu em solidariedade com o pecador e o sofredor. Ele suportou o peso do juízo de Deus sobre o mal.

Se perguntássemos como Jesus responde à injustiça e ao mal, a resposta é que *ele sangra*. O juízo recaiu sobre ele para que a justiça — a correção dos erros — pudesse vir para todos. Quando vemos Jesus vindo como um guerreiro cuja túnica está manchada de sangue, esse sangue pode muito bem ser o dele mesmo. Afinal, este é um rei como nenhum outro. Jesus encarna força e

poder de uma forma que nunca vimos antes.

No entanto, essa passagem não nos deixa sem um alerta. Há aqueles que resistem a esse rei, que insistem em seu próprio caminho, seu próprio governo, seu próprio império. Para estes, a vida encontrará seu fim. As imagens horrendas daqueles que serão devorados retratam a erosão da vida.

O Rei dos reis traz vida com a sua morte. Mas, se você resistir à vida dele e insistir em proteger a sua, em vez de vida você terá morte.

Juízo e justiça andam juntos. E aquele que realizará ambos é Fiel e Verdadeiro. Confiaremos nele para decretar a justiça e executar o juízo?

Considere Apocalipse 19.4-21.

Como seu conhecimento de Jesus e de seu primeiro advento pode influenciar sua compreensão do segundo advento? Ou da justiça e do juízo do Rei dos reis?

A maior esperança de todas

GLENN PACKIAM

Imagine um menino sendo intimidado por outros no playground. As crianças o cercam, provocam-no, empurram-no para que caia no chão. Ele está lutando contra as lágrimas, mas isso é tudo o que ele pode fazer; não há como parar com o terror e o tormento.

Então, praticamente do nada, um carro para. É o pai do menino. “Entre no carro, filho”, grita o pai. Rolando para fora do alcance das outras crianças, o menino fica de pé e cambaleia até o carro. Eles aceleram. Quando o menino olha rapidamente pela janela, ele tem certeza de que os valentões estão rindo dele. O garoto está seguro, mas não há como encarar isso como uma vitória. Fuga não é vitória.

O final do livro de Apocalipse — o final da própria Bíblia — não nos mostra a imagem da nossa evacuação ou fuga, mas da chegada de Deus. Jesus venceu

o pecado e a morte na cruz. No evangelho de João, Jesus disse da cruz: “Está consumado!” (19.30). Aqui, no Apocalipse de João, aquele que está assentado no trono diz: “Está feito!” (16.17). A primeira declaração foi um anúncio de conclusão; a segunda é uma proclamação de coisas que vão acontecer. A vitória de Jesus na cruz se manifestou em sua ressurreição, mas chegará em plenitude na sua volta. Sabemos que o tempo do Advento é um tempo de espera entre duas chegadas. Mas, a verdade é que também é uma espera entre duas vitórias. Jesus, o Poderoso, venceu, e Jesus, o Poderoso, está voltando.

E, quando vem, ele vem *habitar*. A visão do fim que o Apocalipse fornece é a de Deus fazendo novos céus e nova terra, unindo o novo céu e a nova terra como um só, e preenchendo-os com sua presença e sua luz. Esta é uma vitória que



Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: “Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus”.

(APOCALIPSE 21.3)

vem com uma ocupação — só que, neste caso, a ocupação é uma boa notícia, a melhor que o mundo poderia receber! O Criador redimiu sua criação e veio para preenchê-la com sua glória. A história que começou em Gênesis foi aperfeiçoada e completada.

Voltemos à cena do playground. Imagine com criatividade um cenário totalmente diferente: em vez de o pai gritar para o filho entrar [no carro] para que eles possam ir embora, o pai estaciona o carro, sai e caminha lentamente. A autoridade de sua presença afasta os valentões. Ele abraça o filho. E chama outras crianças que estão escondidas, que estão sofrendo, para que saiam para a luz. Ele decide ficar por ali e refazer o playground inteiramente, agora com brinquedos melhores e deleites mais brilhantes. Comida e bebida chegam. Depois vem música. E sorvete. Risos são abundantes. De alguma forma, um lugar de dor transformou-se em lugar de alegria.

Refleta em

Apocalipse 21.1-6 e
21.22—22.5.

O que se destaca para você nesta descrição do reinado final daquele que é Poderoso? Que esperança e conforto isso lhe traz? Como você deseja responder a Jesus?

SEMANA

2

O Príncipe da Paz

Em meio à dor e à violência de nosso mundo, nos apegamos a esta esperança: um dia Jesus vai inaugurar a Paz verdadeira e definitiva. Ele também nos traz paz espiritual, aqui e agora, enquanto experimentamos a redenção e vivemos pelos valores de seu reino. Jesus é o Príncipe da Paz.

Uma visão da Paz

CAROLYN ARENDS

*Uma nação não
mais pegará
em armas para
atacar outra
nação, elas
jamais tornarão
a preparar-se
para a guerra.
(ISAÍAS 2.4)*

Talvez a maior evidência de que o Prometido é o Deus Poderoso seja esta: Ele é o único — o *único* — com poder grande o suficiente para trazer a paz duradoura. Ele não só traz paz, ele *é* a paz. O Príncipe da Paz.

É evidente que estamos acostumados a um mundo em que a paz é enlouquecedoramente ilusória. Em 2003, o jornalista Chris Hedges decidiu determinar se houve algum período de paz contínua na história humana. Definindo *guerra* como qualquer “conflito ativo que tenha ceifado mais de 1.000 vidas”, ele revisou 3.400 anos de história e encontrou apenas 268 anos sem guerra. Em outras palavras, aproximadamente 92% da história registrada é marcada por conflitos ativos.

É claro que o povo do antigo Israel não precisava de um jornalista para lhes dizer que a existência humana é atormentada por guerras e rumores de guerras. Eles tinham muita experiência



pessoal e traumatizante de conflitos, violência e opressão. O que eles *precisavam* era de um profeta que pudesse lhes dar uma visão de paz vívida o bastante para combater as imagens horrendas já gravadas em suas memórias.

Isaías trouxe a eles — e a nós — justamente essa visão. Considere as imagens do segundo capítulo de Isaías. Todas as nações afluem para o monte de Deus. E lá descobrem que a suposta dicotomia entre paz e justiça sempre foi falsa. O Senhor traz a paz *por meio* da justiça. Ele julga entre as nações e resolve conflitos ao resolver não apenas as guerras, mas também suas causas subjacentes.

Observe, então, o que acontece quando os seres humanos se encontram na presença do Príncipe da Paz: as espadas e as lanças que eles trouxeram para o monte — armas que há muito tempo eles supunham serem necessárias para sua sobrevivência — de repente parecem estar fora de lugar. As pessoas depõem

as armas. Mas o Príncipe da Paz tem algo ainda mais belo em mente. Logo, as pessoas se põem a trabalhar juntas para converter suas armas em utensílios de jardinagem. A engenhosidade humana é redimida e redirecionada de fins destrutivos para fins criativos.

Isaías não é ingênuo. Ele via a brutalidade que pode e de fato caracteriza a condição humana. Mas ele também teve um vislumbre do futuro verdejante, vibrante e repleto de paz que o Príncipe da Paz planejara para sua criação. É o tipo de visão que enche de esperança um profeta exaurido — uma visão sobre o tipo de príncipe que um dia fará com que os anjos exclamem: “Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens aos quais ele concede o seu favor” (Lucas 2.14).

Medite em Isaías 2.1-5 e 9.6-7

O que mais impressiona na visão de paz de Isaías? Como essa esperança fala ao nosso mundo de hoje? Ore, expressando louvor ao prometido Príncipe da Paz.

O Príncipe do Shalom

CAROLYN ARENDS



*Águas irromperão
no ermo e riachos no
deserto.*

(ISAÍAS 35.6)

S *halom* é a palavra hebraica que Isaías usa para descrever a paz que o Prometido trará. É uma bela palavra que exprime integridade, harmonia e saúde. Naqueles pontos em que podemos nos contentar com tréguas inquietantes e soluções superficiais como mensageiros da paz, o *shalom* representa algo muito mais robusto. Além da cessação da guerra, o *shalom* é uma transformação das próprias condições que levam à guerra a princípio.

Quando há *shalom*, tudo começa a funcionar do jeito para o qual foi criado. O *shalom* refuta a ideia da vida como um jogo de soma zero e ousa imaginar o florescer abrangente de cada pessoa e de cada coisa, tudo ao mesmo tempo. O teólogo Darrell Johnson ensina que o *shalom* descreve

“uma integridade psicossomática-relacional-racial-econômica-espiritual”. No capítulo 35, Isaías retrata essa integridade em uma linguagem lindamente poética.

Vamos começar pela integridade psicológica que o Príncipe do *Shalom* pode nos oferecer. De acordo com Isaías, há uma oferta de paz que diz: “Sejam fortes, não temam” aos “desanimados de coração” (v. 4) até que “júbil e alegria” se apoderem de nós e “a tristeza e o suspiro” fujam (v. 10).

E quanto à integridade somática (ou do corpo)? Em uma imagem vívida após a outra, Isaías descreve a cura física: Os cegos verão, os surdos ouvirão, os coxos “saltarão como o cervo” e a língua dos mudos “cantará de alegria” (v. 5-6). Até a própria criação é curada, pois “águas irromperão no ermo e riachos no deserto” (v. 6), o “deserto e a terra ressequida se regozijarão” e “o ermo exultará e florescerá como a tulipa” (v. 1).

À medida que Isaías 35 evolui para seu ápice, nos é oferecida uma visão vibrante da integridade relacional, econômica e espiritual na imagem de um povo redimido que anda e canta junto por um caminho de santidade. Nele não há leões, como nos diz Isaías, e podemos presumir com segurança que o caminho está livre de todos os outros inimigos predatórios ou oportunistas. O povo entra junto em Sião,

onde “duradoura alegria coroará suas cabeças” (v. 10).

Este *shalom* definitivo, como nos diz Isaías, é o nosso futuro. Mas há ainda mais do que isso. O autor Jonathan Martin sugere em *Prototype* que, porque o Príncipe da Paz nos dá seu Espírito, somos chamados a ser “o povo do futuro” — pessoas que praticam o *shalom* aqui e agora.

Neste Advento, quando você enfrentar situações em que a paz é extremamente necessária, pergunte ao Senhor: *Que ação ou atitude seria mais propícia a levar essa situação a um florescer abrangente de todos e de tudo o que está envolvido?* Você pode descobrir que o Príncipe do *Shalom* faz de *you* um riacho no deserto e enche sua vida de júbil e alegria.

Refleta em Isaías 35.

Que palavras ou frases você usaria para descrever a paz imaginada aqui? De que modo isso fala à nossa esperança futura? Como isso se relaciona com a obra do Príncipe da Paz em nossas vidas hoje?

Descanso pacífico

ADRIEL SANCHEZ



*Naquele dia as
nações buscarão a
Raiz de Jessé, que
será como uma
bandeira para os
povos, e o seu lugar
de descanso será
glorioso.*

(ISAÍAS 11.10)

Uma das grandes tensões que muitas vezes sentimos durante o Advento é a disparidade entre a promessa de paz feita por Deus e a presença de guerra e violência em nosso mundo. Isaías predisse que o reinado do Messias traria um mundo sem preocupações. Imagine uma mãe em perfeito descanso, observando seus filhos brincarem perto do esconderijo de uma cobra, e não fazendo nada. Como pai de cinco filhos, acho essa cena difícil de imaginar!

Os pais conhecem esse sentimento de pânico avassalador, quando um filho se aproxima do perigo. Durante o reinado do Messias, como descreve Isaías, esse sentimento será extinto.

Em nossa experiência de vida, porém, o mundo não se parece nada com isso. O poema de Thomas Hardy, “Natal: 1924”, escrito há quase 100 anos, lamenta,

“Paz na terra!”, foi dito.
Nós a cantamos,
E um milhão de sacerdotes
para trazê-la pagamos.
Após dois mil anos de missa,
do prometido
O máximo que temos
é gás envenenado.

Como reconciliamos a promessa de descanso pacífico com a realidade de gás envenenado — ou de mísseis balísticos?

A resposta encontra-se na tensão entre *o já* e *o ainda não*. Durante os dias de Isaías, as promessas que Deus havia feito ao rei Davi, em 2Samuel 7 — promessas de um reino duradouro e abençoado — pareciam ter sido quebradas. A casa de Davi parecia uma árvore derubada. De seu toco seco, porém, brotaria um ramo cheio do Espírito: Jesus, o Filho de Davi. Ele traria a paz tanto para judeus quanto para gentios, e seria como uma bandeira que uniria nações inimigas (Is 11.10; Ef 2.15).

Isso é realizado *hoje*, em parte, por meio da igreja, onde até cobradores de impostos como Levi e fanáticos como Simão encontram paz pelo sangue de Cristo. O templo de Deus no mundo é feito de pedras vivas, e os tijolos com os quais Deus o edifica são escolhidos dentre todas as tribos, línguas e nações. Hoje, podemos experimentar a paz prometida do Rei-Messias que diz aos que estão cansados: “Eulhes darei descanso” (Mt 11.28).

Mas o *ainda não* da profecia de Isaías chegará com o segundo advento de

Jesus (Isaías 11.4; 2Tessalonicenses 2.8). Isso é antecipado pelas imagens edênicas de animais predadores subjugados, na profecia de Isaías. Jesus um dia dominará perfeitamente a criação, acalmando feras mortais e transformando até mesmo uma serpente em brinquedo de criança. O mundo glorificado da nova criação satisfará em definitivo nossos anseios mais profundos por justiça e paz.

O Advento nos lembra do glorioso descanso, que nos é dado por meio da primeira vinda de Jesus, e que antecipa a restauração plena que acompanhará a sua volta. Neste intervalo de tensão — entre o já e o ainda não — Deus nos chama para sermos marcados pela graça do seu reino, um povo que busca a justiça para os oprimidos e a difusão do conhecimento de Cristo em nossas comunidades (Isaías 11.9; 2Coríntios 2.14). É por meio desse conhecimento que os pecadores cansados recebem o glorioso descanso do reino de Cristo.

Médite em Isaías 11.1-10

Quais descrições da paz mais chamam sua atenção? Por quê? Ore, expressando seu anseio pela paz que Cristo traz no já — e no ainda não.

A paz curadora de Jesus

BETH STOVELL

Não quebrará o caniço rachado, e não apagará o pavio fumegante.

(ISAÍAS 42.3)

Isaías e Mateus sabiam o que significa dizer que Jesus é o Príncipe da Paz. Quando Mateus descreve Jesus como aquele que cumpriu Isaías 42.1-4, vemos uma imagem do *shalom*, a palavra em hebraico para *paz*. Ao contrário de nossa compreensão muitas vezes estreita de paz como simplesmente “ausência de guerra”, o *shalom* abrange uma imagem ampla de como Deus *faz certas* todas as coisas erradas do mundo. Este *shalom* de Deus é uma paz que traz ordem a partir do caos e justiça em lugar da injustiça.

Isaías 42 começa apresentando o escolhido de Deus, o “meu servo”. Este é o primeiro dos que alguns chamam de Cânticos do Servo; os demais cânticos encontram-se nos capítulos 49.1-6, 50.4-9 e 52.13–53.12. Eles contam a história do servo de Deus decretando a salvação até os confins da terra (nos capítulos 42, 49, 50) e salvando o povo de Deus através do sofrimento do próprio servo (nos capítulos 52–53).

Aqui, em 42.1-4, o servo é aquele que Deus sustenta e em quem se deleita. Este



servo traz alegria a Deus! O Espírito de Deus está sobre este servo, para que ele possa trazer justiça às nações. Esta não é uma mensagem de paz apenas para Israel, mas para o mundo inteiro.

É plausível se esperar que este servo cheio do Espírito seja ativo e orgulhoso do seu status de escolhido por Deus; em vez disso, porém, o que o caracteriza é a sua humildade. Ele não grita nas ruas; antes, cuida daqueles que estão sofrendo. Ele é alguém que consegue ver que um caniço está rachado — que uma pessoa está se sentindo pisoteada — mas não vai deixar que se quebre. É alguém que sustenta a pessoa que se sente como uma pequena vela prestes a se apagar, e não deixa que sua chama se apague. O que significa trazer paz para aqueles que mal estão se aguentando? A busca do servo por justiça é caracterizada por gentileza. Ele vê aqueles que passam por vulnerabilidades; e não vai deixá-los cair.

Mateus 12 descreve como Jesus cumpre a profecia de Isaías. A princípio, pode

parecer que Jesus está cumprindo essa profecia ao pedir a seus discípulos que fiquem calados (v. 16), mantendo um silêncio semelhante ao do servo, em Isaías 42. Mas se olharmos todo o capítulo, Mateus nos mostra algo diferente. Jesus, como servo, cuida daqueles que precisam de cura. Nas passagens anteriores e posteriores aos versículos 15-21, a ênfase está em como Jesus curava no sábado (v. 1-14), em como Jesus “curou a todos os doentes” (v. 15) e como curou um homem possuído pelo demônio, devolvendo-lhe a visão e a capacidade de falar (v. 22).

O tipo de paz que Jesus traz nos encontra em nossos lugares mais fracos, transformando a injustiça em justiça, restaurando o que foi ferido. E ele faz isso com a gentileza de seu toque amoroso.

Refleta em Isaías 42.1-4 e Mateus 12.15-21.

Opcional: Leia também Mateus 12.1-14, 22-37.

Como você já experimentou o shalom de Jesus que Isaías e Mateus descrevem? Que outras cenas nos Evangelhos lhe vêm à mente, como exemplos da paz de Jesus?

Nossa esperança do jubileu

SARAH SHIN

*Enviou-me para
cuidar dos que
estão com o coração
quebrantado,
anunciar liberdade
aos cativos e libertação
das trevas aos
prisioneiros, para
proclamar o ano da
bondade do Senhor e
o dia da vingança do
nosso Deus.*

(ISAÍAS 61.1-2)



Quando Jesus abriu o rolo e leu Isaías 61, seus ouvintes esperavam por muitas gerações pelo Prometido — o Príncipe da Paz, aquele que traria a justiça e a liberdade. Eles testemunharam inúmeras guerras, a ocupação por sucessivos impérios e mudanças culturais que os desorientaram enquanto navegavam com fé por tais circunstâncias.

Nós também vivemos em tempos de caos geopolítico, violência e confusão. Nós também esperamos que o Príncipe da Paz venha em glória, para trazer a ressurreição final e restauração a lugares de morte e luto. Dói esperar. Enche nosso peito de anseio.

Isaías 61.1-4 refere-se ao Ano do Jubileu, em Levítico 25 — uma ordem radical que determinava a restauração de terras e pessoas que haviam sido vendidas como escravas por causa de dívidas. O Ano do Jubileu era o ano do

favor do Senhor, quando os escravos por dívidas seriam libertados e casas e terras seriam devolvidas. Deus desejava que cada filha e filho de Israel fossem devolvidos ao *lar*. No entanto, Isaías 61 também fala da vingança de Deus — e Jesus diz, de maneira inquietante, que ele veio não para trazer a paz, mas a espada e a divisão (Mt 10.34-36). Como, então, Jesus poderia ser aquele que traria a paz?

Quando fala do Príncipe da Paz, Isaías está falando do *shalom* — que não é só a ausência de violência ou do mal, mas é também a plenitude de uma vida boa — de amor ao próximo, a fim de vê-lo florescer, e de seguir a um Deus amoroso todos os dias.

O dia sabático semanal quebra nosso ritmo de trabalho com descanso e *shalom*, e o Jubileu é o sabático dos sábaticos. É o *auge* do *shalom*. Portanto, quando Jesus declara a chegada do *shalom* do jubileu, ele não apenas oferece a salvação do julgamento após esta vida, mas também assegura que *ele* é a chegada da libertação da escravidão — por dívida tanto monetária quanto espiritual — para a liberdade e a restauração nesta vida e além. Assim, o nascimento e a vida de Jesus são mais do que um prelúdio para a cruz. De fato, seu nascimento, sua vida, a cruz e a ressurreição são todos parte da história maior de Deus libertando seu povo — um povo que confia em Deus e ama o próximo.

Assim como os israelitas foram chamados a confiar em Deus para libertação e provisão no deserto, também somos chamados a confiar no Senhor para o mesmo — contra todas as probabilidades, seja na guerra, na turbulência política ou na peregrinação. E somos chamados a amar nosso próximo como parte dessa esperança ativa.

Jesus inaugurou o Jubileu à sombra do Império Romano invasor, e nos convidou, apesar das trevas ao nosso redor, a segui-lo e a viver em seu reino do Jubileu. Ele nos convida a ativamente ansiar, esperar e aguardar que o poder da sua ressurreição se manifeste de maneiras inesperadas, à medida que ele se move e vive em nós.

Considere Isaías 61.1-4 e Lucas 4.16-21.

Opcional: Leia também Levítico 25.

Como a ideia do Jubileu enriquece sua leitura da profecia de Isaías? E a leitura do fato que Jesus se identifica como o cumprimento dessa profecia? E a de Jesus como o Príncipe da Paz?

Nascido para ser ferido

ALICIA AKINS

Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados.

(ISAÍAS 53.5)



A expectativa crescia, à medida que o povo de Deus aguardava a chegada de seu Messias, assim como hoje aguardamos a celebração de seu nascimento. No entanto, este quarto Cântico do Servo em Isaías parece muito mais uma eulogia do que um anúncio de nascimento. Fala daquele que não só está vindo, mas daquele que é *enviado*. Cada pedaço da biografia do servo é imbuído de propósito.

A história do servo não é mera tragédia. Pelo contrário, este cântico começa e termina afirmando o triunfo e a exaltação do servo prometido. O meio do cântico mostra *como* ele terá sucesso: através do sofrimento. Fisicamente, o servo seria transpassado, perfurado, esmagado e desfigurado. Emocionalmente, sua alma seria sobrecarregada de tristeza, sofrimento e angústia. Socialmente, ele seria rejeitado, desprezado e oprimido. Seu corpo, seu espírito e seus

relacionamentos seriam rompidos. Essa vida inestimável, porém nada invejável, seria abreviada, desvalorizada e profanada. “Contudo”, diz Isaías, “foi da vontade do Senhor esmagá-lo e fazê-lo sofrer” (Isaías 35.10).

Mas por quê? Para qual propósito? Porque “o castigo que nos trouxe a paz estava sobre ele”. Seus ombros afundados em tristeza carregariam a dor do mundo, seu esmagamento removeria nossa culpa, seus vergões garantiriam nossa cura, e seu ostracismo e seu julgamento comprariam nossa paz. Como profecias messiânicas, esses cânticos apontam para um rei-sacerdote separado, que um dia governaria e faria ofertas pelo povo de Deus. No Novo Testamento, tanto Filipe quanto Pedro veem Cristo como o cumprimento desse cântico. Filipe explica o evangelho ao eunuco etíope usando esta passagem (Atos 8.26-40). Pedro usa esse cântico para exortar os seguidores de Cristo perseguidos, a fim de perseverarem pois o caminho de sofrimento fora bem trilhado por seu Salvador (1Pedro 2.22-24).

Quando refletimos sobre Jesus como o Príncipe da Paz, esta passagem desafia as imagens tranquilas e idílicas de paz que possam nos vir à mente. Nossa paz foi conquistada por meio de uma violência cruel contra Jesus — custou-lhe uma vida inteira pontuada por tristeza, incompreensão e rejeição. Esse sofrimento é o que esperava o bebê que traz

a paz dos nossos cânticos de Natal.

Nossa imagem do menino Jesus envolto em faixas, nos braços amorosos de seus pais, contrasta fortemente com a difícil verdade deste Cântico do Servo — do Pai que não só enviou o Filho para uma morte prematura, mas também a tinha como propósito. Enquanto a maioria dos pais humanos anseia e ora por um futuro brilhante para seus filhos, aqui vemos uma missão de morte movida por amor que garantirá a sobrevivência de muitos. Este cântico não nos fala apenas do servo que foi enviado para sofrer, mas fala também do coração do Pai: desejo por salvar seu povo a qualquer custo, mesmo ao custo pessoal mais gravoso.

Refleta em

Isaías 52.13—53.12.

Opcional: Leia também o terceiro Cântico do Servo, em Isaías 50.4-9.

De que modo o sofrimento aqui descrito contrasta com sua visão da paz? Como a altera ou a enriquece?

Jesus é a nossa paz

KELLY M. KAPIC

Duas verdades podem estar em conflito e, no entanto, se *forem* verdadeiras, precisamos afirmar ambas.

Em primeiro lugar, temos um mundo repleto de dor e problemas genuínos. Como advertiram os profetas do Antigo Testamento, nossa rebeldia contra Deus distorceu a nós e ao nosso mundo. Fingir o contrário é ser ingênuo, na melhor das hipóteses, ou insensível, na pior. Deus não nos pede para mentir sobre as dificuldades da vida.

Em segundo lugar, Jesus é a nossa paz — não de uma forma barata ou romântica, mas de uma forma terrena, consciente, que altera o cosmos. Ele é a única resposta para toda essa dor e problemas. Enviado pelo Pai, no poder do Espírito, o Filho de Deus tornou-se plena e verdadeiramente humano. Este Deus da paz irrompe em nosso mundo quebrado, como um de nós,

e inaugura um mundo renovado, cumprindo a antiga esperança profética. Uma vez que “ele é a nossa paz”, pois “em seu corpo” ele destruiu “a barreira, o muro de inimizade” (Efésios 2.14-15) — não apenas entre o pecador e Deus, mas também entre o judeu e o gentio, homem e mulher, rico e pobre, céu e terra (Gálatas 3.28; Colossenses 1.15-22).

E essas duas verdades se chocam.

Jesus é a nossa paz, não apenas de maneira psicológica, mas também de forma concreta, para todas as áreas da vida. Ele é a nossa paz, não por nos anestesiar, mas por nos perdoar e nos curar e nos envolver em seu amor e sua vida. Mesmo na escuridão da noite, mesmo quando a confusão, a dúvida e o caos giram à nossa volta, Jesus ainda diz: “Não se perturbem os seus corações nem tenham medo” e “Deixo-lhes a paz; a minha paz lhes dou” (João 14.27).



*Pois ele é
a nossa paz.*

(EFÉSIOS 2.14)

Reconhecemos nossas dificuldades e nosso estado caído como algo doloroso e problemático, pois não se assemelham ao *shalom*. Enquanto o *shalom* traz harmonia, benignidade e um mundo que floresce, vivemos em meio a guerras, traições e absorvidos em nós mesmos de maneira sufocante. Mas em resposta à nossa rebeldia e ao caos, Jesus traz sua paz, seu *shalom*. “Eu lhes disse essas coisas para que em mim vocês tenham paz [...]; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo” (João 16.33). Ao nos conectar a Deus, *ele* é nosso *shalom*. *Ele* é a esperança de Israel e, portanto, a esperança do mundo.

É assim que temos paz em um mundo genuinamente perturbado: Deus, para além do nosso mundo, nos deu a si mesmo como nossa paz. Cristo, o Deus-homem, é a nossa paz: Ele não depende de nossas emoções e circunstâncias flutuantes. Deus não nos pede para mentirmos sobre a dor e os problemas nem sobre sua benignidade e a presença em Cristo. Todas essas coisas são verdade. Amado irmão e amada irmã, os problemas existem, mas Cristo é nossa paz em meio aos problemas, e ele nos dá refúgio, força e direção para estender sua paz a este mundo ferido.

Medite em

João 14.27; 16.33; e
Efésios 2.14-18.

De que modo Jesus é a sua paz, de forma concreta, para todas as áreas da vida — mesmo em meio às dificuldades bem reais que todos nós enfrentamos?

Raiou uma Luz

JEREMY TREAT

*O povo que
caminhava em trevas
viu uma grande luz;
sobre os que viviam
na terra da sombra
da morte raiou uma
luz.*

(ISAÍAS 9.2)

Por ter crescido em uma pequena cidade do Alasca, eu estava bem acostumado com a escuridão. Nas profundezas do inverno, umas poucas horas de sol por dia apenas logo davam lugar a noites longas e implacáveis. E os efeitos da escuridão iam além da inconveniência de ter de limpar a calçada com luz artificial. A falta de luz trazia consigo uma falta de esperança. Os longos invernos do Alasca produzem isolamento, depressão e, às vezes, desespero. Na escuridão não há visão, nem direção, nem propósito.

Isaías 8 fala de uma época em que Israel estava bem familiarizado com as trevas. Sob ameaça de invasão por uma superpotência internacional (a Assíria), o povo de Deus encontrava-se em um lugar tomado por medo e pavor. Em vez de se voltarem para Deus como sua esperança, eles multiplicavam o próprio medo, envolvendo-se em conspirações e consultando médiuns ocultistas (v. 12, 19), o que os levava a afundar ainda mais na completa escuridão.



E, no entanto, em meio a essa aflição, o profeta Isaías proclama que “o povo que caminhava em trevas viu uma grande luz”. Apesar de suas próprias tentativas de sair da escuridão, uma luz raiou sobre eles. O que é essa luz? Quem poderia trazer esperança em meio à completa escuridão? Isaías declara: “Porque um menino nos nasceu”.

Embora uma criança certamente não seja páreo para os soldados da Assíria, *essa* criança é diferente. Esse filho crescerá para ser um rei que governará com retidão e justiça. Embora ele vá reinar do trono de Davi, seu reino se estenderá até os confins da terra e será estabelecido por toda a eternidade. Por meio desse filho unguído, a luz não só brilhará em meio às trevas, mas também as *vencerá*.

A promessa anunciada por Isaías finalmente se cumpriu, centenas de anos depois, quando uma criança, um filho, nasceu sob a ameaça de outra superpotência internacional. Jesus é a Luz do Mundo. E, embora nosso mundo ainda permaneça em total escuridão, a luz do

evangelho brilha em meio às trevas. Pois Jesus reina com graça e governa com amor. Seu reino não terá fim.

Os invernos no Alasca eram rigorosos. Mas eu não lhe contei sobre os verões. No auge do verão no Alasca, a luz do dia dura 24 horas. *Não há escuridão. Tudo é luz. Uma imensa alegria!* Quando Cristo voltar, ele fará novas todas as coisas. O livro do Apocalipse nos diz que, na nova criação, não haverá necessidade do sol (22.5), pois a glória de Deus brilhará mais do que mil sóis! Andaremos na luz e experimentaremos a pura alegria do reino de Cristo para sempre.

Considere Isaías 8.21–9.7.

Como o contexto histórico dessa grande promessa impacta a sua compreensão? Como ele fala ao contexto de hoje?

Salvação e amor

BETH STOVELL



*Eu, o Senhor, o
chamei em retidão;
segurarei firme
a sua mão. Eu o
guardarei e farei de
você um mediador
para o povo e uma
luz para os gentios.*

(ISAÍAS 42.6)

Todos nós já experimentamos como é acordar na escuridão — aquele momento em que buscamos uma luz para conseguir enxergar o mundo ao nosso redor com clareza. Talvez, você, assim como eu, nunca tenha superado totalmente esse medo do escuro. A escuridão é um medo universal, pois pode criar zonas de perigo, ao passo que a luz nos guia para a segurança. Especialmente antes da invenção da luz elétrica, a escuridão significava que uma pessoa estava mais propensa a sofrer um ataque de inimigos ou de animais perigosos.

Não deve nos surpreender, portanto, que, no livro de Isaías, a luz seja uma metáfora poderosa para segurança e

salvação, quando o profeta descreve o servo de Deus cumprindo esse papel. Vemos essa ideia no Novo Testamento, quando Jesus é descrito como a “luz do mundo” (João 8.12; 9.5), ecoando as descrições do servo de Deus como a luz da salvação para o mundo todo, em Isaías 42, 49 e 60.

Isaías coloca duas ideias lado a lado, quando retrata o servo de Deus: a salvação global de Deus e a profunda intimidade de Deus. Por um lado, o servo trará salvação em escala global. Como a luz do sol, que atravessa a terra de ponta a ponta, o servo de Deus trará salvação a todos os povos, a todas as tribos, a todas as nações (42.6; 49.6; 60.3). Essa salvação é multiétnica, multicultural e está disponível para todos.

Por outro lado, quando Isaías descreve essa salvação — a luz global do servo — ele também ancora essa vasta visão na profunda intimidade de Deus. Esse Deus formou o servo dentro do ventre de sua mãe (49.5), trabalha para a salvação de seu povo (42.14) como uma mulher que dá à luz, e se lembra de seu povo como a mãe que amamenta se lembra de seu bebê no peito (49.15).

Da mesma forma, vemos em Jesus essa combinação de salvação global e intimidade pessoal. Jesus é aquele que traz uma espécie de luz que honra a aliança que Deus fez com seu povo (42.6). Essa luz traz liberdade àqueles que estão

em cativeiro (42.7) e tira nações e reis de suas trevas para a luz de Cristo (60.2-3).

A luz de Jesus também traz esperança pessoal e específica para aqueles que estão sentados em masmorras escuras, aguardando libertação, e para aqueles que sofrem de cegueira (42.7). Essa luz brilha através de vastas extensões ao redor do mundo e penetra nos menores recantos da casa de cada um. Este é o Jesus que esperamos durante o Advento: a luz brilhante que ilumina e encoraja pessoas no mundo todo, e a chama que brilha na vida de cada um de nós, lembrando-nos que Deus está perto.

Refleta em Isaías 42.1-14; 49.1-15; e 60.1-3.

Como você vê a natureza global da luz de Deus nessas passagens? Onde vê sua intimidade? Como vê essas duas coisas em Jesus?

A luz que nos guia para casa

JAY Y. KIM



Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, nunca andarรก em trevas, mas terรก a luz da vida.

(JOÃO 8.12)

J. M. W. Turner, pintor inglêS do século 19, era conhecido por seu uso impressionante da luz. Olhe por tempo suficiente para obras como *Tempestade de Neve*, *Manhã Gelada* e — para a minha favorita — *Pescadores no Mar*, e terรก a sensa o de que Turner estava pintando com fogo tanto quanto com óleo e aquarelas. O pastor e artista Michael Milton observa: “Em Turner não há s  luz, mas sim uma luz que conduz na busca de significado todo aquele que observa sua obra”. Na obra de arte deste mestre, a luz não é um fim —   um convite   esperança,   beleza e ao próprio significado.

Andando pelo meu bairro em noites frias, durante a época do Advento, fiquei

deslumbrado com as luzes de Natal. Nos últimos anos, vê-las através dos olhos de meus dois filhos pequenos despertou em mim algo que eu havia perdido, por causa do cinismo sutil e insidioso que muitas vezes se instala com a idade: um certo anseio. A luz é uma maravilha por causa de sua promessa de que há algo brilhante, mas que está velado por trás da escuridão, esperando para ser encontrado, pulsando com vida, prestes a se revelar diante de nós.

Em João 8.12, “Falando novamente ao povo, Jesus disse: ‘Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, nunca andarás em trevas, mas terá a luz da vida’”. As palavras por si só já são suficientemente poéticas, mas não se tratava apenas de uma metáfora cativante. Ao anunciar a si mesmo como a Luz do Mundo, neste lugar e neste momento específicos, Jesus estava fazendo uma declaração ousada e bela sobre algo que se encontra velado por trás da escuridão — e, o que é mais importante, sobre a própria capacidade e vontade dele de nos conduzir até lá.

Jesus disse essas palavras durante a Festa dos Tabernáculos, um festival judaico que dura uma semana e é centrado na celebração do Êxodo, quando Deus tirou seu povo da escravidão do Egito e conduziu-o em liberdade para a Terra Prometida. Durante sua longa jornada pelo deserto, Yahweh havia se revelado ao povo sob a forma de uma coluna de nuvem durante o dia e de

uma coluna de fogo à noite (Êx 13.21-22; 40.38). A fim de relembrar esse ato divino de guiar seu povo, durante a Festa dos Tabernáculos, nos pátios do templo, eram acesas chamas no topo de duas colunas que tinham cerca de 23 metros de altura, para simbolizar a coluna de luz no Êxodo. É neste mesmo cenário que Jesus está, nos pátios do templo — provavelmente sob a luz dessas colunas — e declara: “Eu sou a luz do mundo”.

Jesus é a luz que nos guia através do deserto do nosso desespero, da nossa dor, das nossas perdas. Ele é a luz que desfaz a escuridão do nosso medo, da nossa ansiedade, das nossas incertezas. Ele é a grande Luz do Mundo, que nos guia para casa.

Refleta em João 8.12.

Opcional: Leia também

João 9.5 e 12.46.

O que você imagina que os primeiros ouvintes de Jesus pensaram, quando ele disse essas palavras? Como o contexto da Festa dos Tabernáculos enriquece a compreensão dessa afirmação de Jesus?

Uma luz temível e libertadora

JAY Y. KIM

Mas quem pratica a verdade vem para a luz, para que se veja claramente que as suas obras são realizadas por intermédio de Deus.

(JOÃO 3.21)

Pois Deus amou o mundo de tal maneira que...”

Há grande chance de que você possa terminar essa frase sem sequer pensar duas vezes. João 3.16 é, sem dúvida, o versículo mais famoso da Bíblia, mas não é o único. Embora o restante da passagem neste terceiro capítulo do evangelho de João seja recebido com muito menos alarde, nos oferece uma verdade sóbria e repleta de esperança:

“... a luz veio ao mundo, mas os homens amaram as trevas, e não a luz, [...]. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, para que se veja claramente que as suas obras são realizadas por intermédio de Deus”. (v. 19, 21)

A experiência humana é uma mistura paradoxal de amor às trevas e de necessidade de luz. E essa realidade



não é verdade apenas *lá longe*, entre a massa de pecadores. Ela é verdade também *bem aqui* – em meu coração, minha mente e minha alma, bem como nos seus. O apóstolo Paulo descreve com mestria essa tensão generalizada e universal: “Não entendo o que faço. Pois não faço o que desejo, mas o que odeio” (Rm 7.15). Todos nós já estivemos nessa situação. E ainda somos assim.

A luz pode expor e iluminar, e isso a torna simultaneamente temível e libertadora. Richard Feynman, um físico americano, disse: “O primeiro princípio é que você não deve enganar a si mesmo – e acredite, você é a pessoa mais fácil de enganar”. Se ele estava certo – e creio que estava –, então, essa luz temível e libertadora é *exatamente* do que precisamos. Essa luz expõe nossa arrogância e ilumina nossa vergonha, duas coisas que têm nos impactado desde o início da história da humanidade.

Na narrativa da criação, em Gênesis, Deus criou um mundo bom e colocou Adão e Eva em seu centro, como portadores da sua imagem chamados para trazer à tona o bom potencial da terra. Contudo, quando os primeiros seres humanos pecaram contra Deus, foi porque eles passaram a acreditar na mentira de que poderiam ser “como Deus” (Gênesis 3.5). Isso é arrogância. E para onde a arrogância inevitavelmente nos leva? Diretamente para os braços da vergonha: “fiquei com medo, porque estava nu; por isso me escondi”, disse o homem (Gênesis 3.10).

Jesus, que é a Luz, veio para nos libertar das trevas da arrogância e da vergonha. A luz veio para nos dizer a verdade: que fomos perdoados, aceitos, e somos amados. A luz veio para desfazer a catástrofe da Queda e para decretar o bom e novo mundo de Deus, ao qual todos podemos pertencer.

Medite em João 3.16-21

De que modo a luz de Deus é temível? De que modo ela é libertadora? De quais maneiras o contexto mais amplo do versículo 16 aprofunda sua compreensão da identidade e do propósito de Jesus?

Libertados da escuridão

KRISTIE ANYABWILE

Vocês, porém, são geração eleita [...] para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.

(1PEDRO 2.9)

É um instinto natural temer o escuro. Sabemos que coisas ruins acontecem sob o manto da escuridão. O mesmo se dá com a escuridão espiritual. As Escrituras nos dizem que é no domínio das trevas que residem as obras infrutíferas e habitam a impiedade e o mal (Efésios 5.8-12). Se estivermos sob o domínio das trevas, não teremos comunhão com Deus (1João 1.5-7).

Mas Jesus veio para libertar aqueles que foram cegados pelas trevas — para nos libertar! Agora, como pessoas que vivem na luz de Cristo, nos esforçamos para andar de maneira digna daqueles que seguem a Jesus. Andamos em adoração, dando graças pela grande herança que temos como coherdeiros com Cristo.

No princípio, Deus declarou “Haja luz”, e trouxe o dia à existência (Gênesis 1.3). Deus também declara “Haja luz” em nossas próprias vidas, referindo-se



não ao cosmos, mas à luz do evangelho em nossos corações, que nos capacita a ver a glória de Cristo (2Coríntios 4.6). A própria Luz do Mundo desceu às trevas deste mundo, às trevas dos nossos corações, e abriu os nossos olhos para que pudéssemos proclamar os louvores daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. Nessa luz há justiça, paz e alegria.

Como cidadãos do reino de luz de Jesus Cristo, temos redenção, perdão e comunhão com Deus. Ele fez de nós — que antes tínhamos prazer na escuridão — seu bem precioso.

Deus escolheu um povo que seria seu e refletiria seu caráter santo. Ele escolheu um povo que abraçaria e transcenderia as distinções étnicas, declarando-lhe louvores dentro da bela diversidade de sua família. Ele escolheu um povo a quem daria todos os privilégios e bênçãos do sacerdócio dos crentes

— isto é, acesso direto à própria presença de Deus. O véu que antes nos impedia de nos aproximar de Deus foi rasgado para que “um novo e vivo caminho” se abrisse para nós, por meio de Cristo (Hebreus 10.20). Ele escolheu um povo que ele receberia em sua presença, em todo tempo — um povo que lhe declararia louvores, enquanto oferece sacrifícios espirituais, tanto individuais quanto coletivos, a Deus.

Durante o período do Advento, celebramos o Prometido que nos libertou das trevas, que nos chamou para sua maravilhosa luz, a fim de que pudéssemos nos deleitar no Filho e proclamar-lhe louvores.

Refleta em Colossenses 1.9-14 e 1Pedro 2.9.

O que significa para você viver como alguém que faz parte do reino da luz? Como Jesus, que é a Luz, trouxe entendimento e propósito a você?

Cristo em dez mil lugares

MARLENA GRAVES

*Pois o Deus que
disse: “Das trevas
resplandeça a luz”,
ele mesmo brilhou
em nossos corações,
para iluminação do
conhecimento da
glória de Deus na
face de Cristo.*

(2 CORÍNTIOS 4.6)



Na famosa Alegoria da Caverna, de Platão, pessoas vivem acorrentadas, olhando para uma parede à sua frente, e tendo atrás de si uma fogueira que lança luz. Sem que tenham consciência, bonecos e objetos movimentam-se atrás delas e criam as sombras que elas veem projetadas na parede. Essas pessoas acreditam que as sombras são a realidade. Não têm ideia de que existe um mundo iluminado pelo sol lá fora. E, mesmo quando os outros lhes contam sobre o mundo real, elas ainda assim não querem sair de sua caverna.

A alegoria me lembra as palavras de Paulo: “O deus desta era cegou o entendimento dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus” (2Coríntios 4.4). Em contraste, quando nascemos de novo em Cristo, nós nos tornamos filhos da luz — filhos do mundo iluminado pelo sol (Efésios

5.8). Deus ilumina nossos corações e nossas mentes, através do evangelho, para que possamos ver Cristo em sua glória. À medida que fixamos nossos olhos em Jesus e permanecemos nele, Deus progressivamente coloca tudo em sua devida perspectiva. O resultado é que a igreja, coletivamente, e as pessoas, individualmente, ficam mais capazes de discernir o bem do mal. Aprendemos a ver e a discernir os detalhes da beleza, da bondade e da verdade — a ver o mundo e as pessoas corretamente. Sem dúvida, precisamos uns dos outros para permanecer na luz, a fim de experimentar o shalom de Deus — para ver e amar.

Eféios 5.9 revela algo incrivelmente belo sobre o fruto que nasce da luz. O fruto é “toda bondade, justiça e verdade”. Ao olhar para a face de Cristo, começamos a vê-lo cada vez mais em nossa vida e em nosso mundo. Vemos Jesus aparecer de milhares de maneiras e em todos os tipos de lugares — às vezes de forma bastante inesperada. Somos capacitados a encontrar bondade, justiça e verdade mesmo em circunstâncias difíceis ou dolorosas. Da mesma forma, outros veem essas virtudes manifestadas em nossas próprias vidas e dão graças a Deus.

O conhecimento revelado a nós por meio de Deus, quando ele ilumina nossos corações, nos enche de alegria transbordante e esperança duradoura (Eféios 1.18). É esperança para o presente por

causa da “incomparável grandeza do seu poder”, que temos através do Espírito, para fazer a vontade de Deus no mundo (v. 19). Essa esperança é reforçada pelo conhecimento de que Deus é sempre por nós. E também temos esperança para o futuro, pois vislumbramos nossa gloriosa herança.

De fato, à medida que permanecemos em Cristo e conectados uns aos outros, sabemos, em um nível profundo, que o mal é uma falsificação, é o mundo das sombras. Como Gerard Manley Hopkins descreveu em seu poema “As Kingfishers Catch Fire” [Quando martins-pescadores se incendiavam], amadurecemos para ver Cristo agindo “em dez mil lugares”, e a glória de Deus brilhando em todos os lugares. Esta é a luz do Advento.

Refleta em 2Coríntios 4.4-6
e Eféios 1.15-23; 5.8-11.

De que maneira essas passagens descrevem como é a iluminação espiritual?
De que modo a fé em Jesus — que é a Luz — iluminou a sua vida?

Ele brilha na escuridão

CAROLYN ARENDS

O apóstolo João contextualiza seu relato das palavras e obras de seu bom amigo Jesus com um prólogo que crepita de energia e maravilhosamente. Jesus, segundo João quer nos dizer, é a própria Palavra de Deus. Ele estava com Deus na criação do mundo. Ele *é* Deus. Ele é a própria vida, e essa vida é a luz do mundo.

Então, vem o versículo 5: “A luz brilha nas trevas, e as trevas não a derrotaram”. Pelo menos é o que diz a minha edição de 2011 da NIV. Mas aqui está uma coisa impressionante: minha edição mais antiga da NVI (a tradução de 1984) traz uma leitura diferente. Ela diz: “A luz brilha nas trevas, mas as trevas não a compreenderam”.

O termo grego que pode ser traduzido por “derrotaram” e “compreenderam” é

katalambanó — o qual significa “tomar posse” ou “dominar”. Precisamos de mais de uma palavra para tentar indicar a essência completa do que João está dizendo aqui.

João viu a Luz do Mundo com seus próprios olhos. Ele foi pescar com Jesus. Ele comeu com Jesus. Ele orou com Jesus. Ele o viu padecer a morte mais horrenda que se pode imaginar e, depois, *voltar à vida*. Assim, João sabe que não há escuridão no universo que possa dominar e vencer permanentemente essa luz. A escuridão não pode *derrotá-la*.

Mas João também sabe que nossas mentes humanas, quando deixadas por conta própria, não podem sequer começar a compreender o amor oferecido no surpreendente fato da Encarnação. A escuridão não pode *compreendê-lo*.



*Aquele que é a
Palavra tornou-se
carne e viveu
entre nós.*

(JOÃO 1.14)

O prólogo de João culmina com uma meditação de tirar o fôlego sobre até onde Deus chegou para nos alcançar com seu amor iluminador. “Aquele que é a Palavra tornou-se carne”, escreve ele, “e viveu entre nós”. Ou, como a paráfrase da obra *The Message* [A Mensagem] traduz, a Palavra de carne e osso “mudou-se para a vizinhança”.

O Deus Poderoso veio na forma incrivelmente vulnerável de um bebê humano. O Príncipe da Paz se permitiu nascer em um mundo de pecado e caos — e Deus fez-se passível de ser abraçado, ferido, beijado, morto.

Somente a Luz do Mundo pode nos dar o poder para começar a entender o que Deus nos ofereceu no nascimento de Jesus. Assim, neste Advento, façamos a mesma oração que o apóstolo Paulo fez aos Efésios (3.17-19): para que nós, “arraigados e alicerçados em amor, possam[os], juntamente com todos os santos, compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo”.

Refleta em João 1.1-18

O que essa passagem enfatiza sobre a Palavra? E sobre Jesus como a Luz do Mundo? Ou sobre a Encarnação? Que perguntas, pensamentos ou sentimentos ela desperta em você? Expresse sua resposta a Deus em oração.

À espera de uma promessa

DORENA WILLIAMSON



O Antigo Testamento termina com uma promessa daquele que reconciliará os corações dos pais aos filhos. As palavras que enceram o livro de Malaquias ecoam através de séculos de silêncio. Durante o período de espera entre o Antigo e o Novo Testamentos, nosso Deus poderoso estava preparando o tumultuado cenário mundial para a vinda do Príncipe da Paz.

Há um tempo para tudo, e Lucas 1 consiste em uma intrincada tapeçaria de compromissos divinos. Seu cenário foi um tempo determinado na história: durante o reinado de Herodes. Zacarias foi designado para um dever sacerdotal daqueles que só se recebe uma vez na vida. Os longos anos de infertilidade de Isabel foram uma situação designada e impossível, que lançou as bases para a concepção milagrosa de João Batista. A linhagem sacerdotal do casal foi uma herança designada para criar um filho ungido. E Gabriel foi o mensageiro

Não tenha medo, Zacarias; sua oração foi ouvida. Isabel, sua mulher, lhe dará um filho, e você lhe dará o nome de João.

(LUCAS 1.13)

designado para anunciar o propósito que Deus havia designado para João Batista.

Quando eles eram jovens e estavam começando a vida juntos, é provável que Zacarias e Isabel fossem pessoas cheias de expectativas esperançosas sobre seu futuro. Contudo, à medida que os meses se transformavam em anos de infertilidade, a esperança de ter um filho diminuía e parecia um fardo de “desgraça” (Lucas 1.25).

Quando somos apresentados a este casal, eles já são “muito velhos”, embora continuem a andar com Deus. Essa *fidelidade* merece nossos elogios — em vez de críticas a Zacarias por seu momento de incredulidade. Afinal, esse homem envelhecido, com o passar do tempo, tinha se acostumado com o desapontamento.

Zacarias perseverou em oração, ao longo de anos aparentemente sombrios e de silêncio. Neste dia, porém, enquanto cumpria o dever sacerdotal de acender o fogo para queimar incenso, o anjo Gabriel apareceu-lhe e anunciou que Deus ouvira sua oração. Deus estava *com* Zacarias — mesmo quando o céu parecia estar em silêncio. A Luz do Mundo não havia se esquecido [da promessa]; estava soberanamente preparando a história para o tempo determinado.

A história de Zacarias e Isabel nos oferece perspectiva em relação a nossos próprios tempos de espera. Somos lembrados de que nossas orações não têm prazo de validade. A fidelidade deste casal desdobrou-se em uma época de alegria vivificante, quando a promessa

de Deus se cumpriu por meio de seu filho, aquele que seria o precursor do Messias.

Contudo, à medida que adentramos na história deles, vemos que também não há nenhum salto nesse período de décadas de infertilidade. Nós adentramos nessa parte dolorosa de suas vidas também. Pois é nesse período prolongado de tristeza para eles que vemos a força de sua fé.

Isabel entendeu que, nesse milagre, Deus estava lhe mostrando seu especial favor. Muitos heróis bíblicos não receberam, deste lado da eternidade, aquilo por que esperavam ou o que lhes tinha sido prometido (Hebreus 11.39). O cumprimento final da sua fé estava para além deles — como também está para nós. Neste Advento, em nossa espera, há um quadro maior sendo pintado — no tempo determinado por Deus. Emanuel — o Deus conosco — continua a ser fiel a suas promessas hoje.

Refleta em Lucas 1.5-25.

Como você vê, nessa história, a fidelidade de Zacarias e Isabel? Ou a fidelidade de Deus? Como você vê a soberania e a presença de Deus?

O belo paradoxo

KELLY M. KAPIC

Você ficará grávida e dará à luz um filho, e lhe porá o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo.

(LUCAS 1.31-32)

O conceito abstrato de poder traz à mente terremotos e tempestades de trovões ou, quem sabe, presidentes e bilionários. O poder nu e cru detém nossa trajetória, forçando-nos a dar atenção a o que quer que seja ou a quem quer que seja que se ponha em seu caminho. Poucos de nós, porém, associam o poder ao útero. No entanto, o útero de Maria carregou o verdadeiro poder, oculto na sombra, invisível, difícil de imaginar.

Nisto encontramos um dos mais belos paradoxos da fé cristã: o Espírito Santo fez um pequenino bebê ser concebido num ventre de mulher, um bebê que era sua própria carne e seu próprio sangue, seu primogênito; este mesmo bebê não era outro senão o Filho de Deus, chamado “Filho do Altíssimo”.

Afinal, Jesus é filho de Maria ou Filho de Deus? É humano ou divino? Sim! As duas coisas são verdade em relação a uma só pessoa, a este bebê. Podemos imaginar Deus trazendo a salvação, ou podemos imaginar um ser humano heróico fazendo coisas revolucionárias. Mas [imaginar] uma única pessoa que é, ao mesmo tempo, plenamente Deus e



plenamente homem, sem comprometer a integridade de nenhum destes dois lados? Este é realmente um belo paradoxo — um paradoxo que se encontra no coração da salvação humana.

Este poder não é uma força bruta e infinita, abstraída de todas as demais definições, mas sim a compaixão do Deus eterno, glorioso e santo que se revestiu em carne humana. Seu poder assume a forma de fraqueza, em uma solidariedade divina com a humanidade, e essa forma foi inteiramente motivada por seu santo amor.

O anjo proclamou um acontecimento glorioso para Maria — e para nós. Jesus recebe sua plena humanidade de Maria, tornando-se como todos nós em todos os sentidos, exceto pelo fato de que ele refuta o pecado (Hebreus 4.15). Ainda assim, o filho de Maria existia *antes* de Maria, pois este é o eterno Filho de Deus, aquele que, como o Credo Niceno declara, é “Deus verdadeiro do Deus verdadeiro”. Tendo a natureza

eterna de Deus, o Filho procede do Pai pelo Espírito, nunca cessando de ser o Deus Poderoso, ainda que verdadeiramente tornando-se o que não era: uma humilde criatura humana. Jesus — verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem.

Como Leão I (400-461) escreveu em uma carta, quando comentava a encarnação do Filho: “O que ele fez foi aprimorar a humanidade, e não diminuir a divindade. Seu autoesvaziar-se — por meio do qual o invisível se revelou visível e o Criador e Senhor de todas as coisas, eleito para ser contado entre mortais — foi uma aproximação em misericórdia, e não uma falha de poder”. Do ventre de Maria vem o rei-salvador, cujo “reino nunca terá fim”. Que possamos, assim como Maria, responder como “serv[os] do Senhor”, dispostos a confiar no Deus Todo-Poderoso que amou sua criação o suficiente para nela habitar, tornando-se homem, e assim trazendo nova vida ao mundo. Sua plena divindade e sua plena humanidade proclamam seu poder, e ele nos diz: “Não temam”.

Considere Lucas 1.26-38.

O que mais impressiona você na mensagem do anjo Gabriel? Como você deseja responder a Jesus e ao belo paradoxo de sua encarnação?

O convite da Encarnação

RASOOL BERRY



*Feliz é aquela que
creu que se cumprirá
aquilo que o Senhor
lhe disse!*

(LUCAS 1.45)

Poucas interrupções na vida são tão incômodas quanto uma viagem, especialmente quando a ela se somam a fadiga e o enjoo matinal que muitas vezes acompanham o início de uma gravidez. A viagem de Maria, partindo de Nazaré para as colinas da Judeia, não foi fácil nem segura. Ainda assim, encorajada por sua fé, mas também precisando de apoio, Maria enfrentou essa viagem grávida, pobre e provavelmente perplexa. Por que, afinal, optou por ir?

Gabriel havia dito a Maria que sua parente Isabel também estava esperando um filho — o que era um milagre para uma mulher como ela, de idade já avançada. Reconhecendo que Isabel era a única pessoa na face da terra que poderia entender o que estava passando, Maria foi até ela. E quando lá chegou, Isabel fez a exata saudação de que Maria tanto precisava: “Bendita é você entre as mulheres, e bendito é o filho que você

dará à luz!” (Lucas 1.42). Isabel elogiou Maria por sua resposta de fé. Com essas palavras, imagino que os temores de Maria relacionados à gravidez inesperada e às consequências desconhecidas para sua vida se desvaneceram em uma fé maior.

O encorajamento de Isabel lembrou a Maria que essa interrupção do Senhor em seus planos também era um convite — não apenas para carregar e dar à luz o Emanuel, o “Deus conosco”, mas também para se engajar em um senso mais profundo de comunidade, de “nós conosco”. Com o ânimo renovado pela bênção de Isabel, Maria respondeu com um cântico de louvor. E refletiu sobre esse convite à interdependência, em suas palavras finais do Magnificat: “Ajudou a seu servo Israel, lembrando-se da sua misericórdia para com Abraão e seus descendentes para sempre, como dissera aos nossos antepassados” (ESV). Em seu júbilo, Maria meditou sobre como precisamente esse mesmo Deus, que havia falado “aos nossos antepassados” que remontam a Abraão, tinha agora falado a ela e a Isabel.

Maria acreditava no “Deus conosco”, e disse sim, quando o anjo Gabriel apareceu para ela. Mas sua fé ainda precisava ser nutrida. A Encarnação significou uma grande interrupção na vida de Maria; foi algo maravilhoso, sim, mas também foi um fardo pesado. Estava acontecendo com ela algo que nunca tinha se passado antes na história do mundo, e Maria precisava de apoio e

de ajuda para aceitar e se preparar para tudo aquilo.

Então, ela se voltou para a piedosa Isabel. Só podemos imaginar o quanto foi fortalecedor para Maria ouvir palavras de bênção da boca de Isabel. Na verdade, eu diria que, sem o encorajamento de Isabel, não teríamos o Magnificat de Maria.

Esse é o poder da interdependência, da fé em comunidade. Em nossa sociedade individualista, muitas vezes é difícil estarmos abertos para sermos abençoados por outros. Estamos condicionados a considerar mais as possibilidades de dano do que a potencial ajuda da comunidade. Mas a verdade é que, assim como Maria, todos nós precisamos de um encorajamento como o de Isabel. A Encarnação é uma interrupção e um convite para conhecer o “Deus conosco” e também para abraçar o “nós conosco”.

Medite em Lucas 1.39-56.

Que verdades sobre Jesus — o Deus conosco — você vê nesta passagem? Como as palavras de Isabel e seu papel na vida de Maria também falam a você sobre a natureza “nós conosco” da fé?

Deus de misericórdia e poder

MADISON N. PIERCE

Louvado seja o Senhor, o Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo.

(LUCAS 1.68)

Nós, seres humanos, não sabemos bem como manter em equilíbrio misericórdia e poder. Aqueles que conquistam o poder muitas vezes dele desfrutam e tendem a querer mais, ao passo que aqueles que são graciosos tendem a abrir mão do poder (ou a vê-lo ser tirado de si). Sem dúvida há exceções, mas, na ampla maioria das vezes, nós sabemos e podemos observar que esse equilíbrio não é algo fácil de ser alcançado. Deus, porém, ao contrário de nós, de alguma forma é *tanto* o mais poderoso *quanto* o mais misericordioso, além de perfeito em exibir cada uma dessas virtudes.

Vemos o poder gracioso de Deus destacado de várias maneiras na história sobre o nascimento e os primeiros dias de João Batista. Na verdade, esse tema do poder gracioso está oculto aos nossos olhos de leitores. Aprendemos que Isabel quer chamar o menino de João, de acordo com a mensagem de Gabriel para



Zacarias (Lucas 1.13). Aqueles ao seu redor ficam surpresos; sua atitude não combinava com o costume da época, de dar a uma criança o nome de alguém da família. Então, por que esse nome “João” (*Yohanan*, no hebraico)? Ele significa “Deus é misericordioso”, e este menino proclamará as obras graciosas de Deus em favor do mundo inteiro.

Zacarias não conseguia falar desde o dia em que soube que sua esposa teria um filho. Mas, assim que ele escreve o nome do menino, recupera a fala e explode em louvor. Por este sinal, as pessoas sabem que se trata de um menino especial. E se perguntam: *O que ele será?*

Zacarias, porém, lança o olhar das pessoas na direção certa. Sim, o menino tem um papel especial, mas o Senhor deve ser louvado. O poderoso Senhor de tudo “virá até nós”, diz Zacarias, e estará no meio de seu povo.

Contudo, a demonstração de poder do Senhor não será opressora. Em vez

disso, será libertadora. O Senhor “levantou um chifre de salvação” para “mostrar misericórdia aos nossos antepassados” e para “nos resgatar”.

A ideia de Deus mostrando misericórdia está ligada à ideia de o povo de Deus estar em pecado. Como seus antepassados, que receberam profecias semelhantes (1Samuel 2.10; Miqueias 7.20; Ezequiel 16.60), eles merecem punição, mas recebem um derramar de graça.

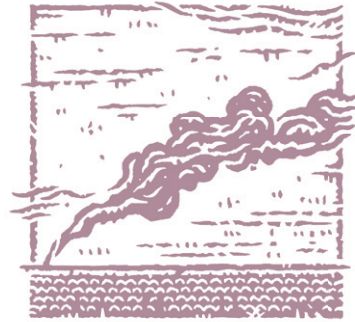
Por que Deus faz isso? Para que possamos servi-lo. Este é um dom para que possamos experimentar verdadeiramente “Deus conosco”. O cântico de Zacarias promete o perdão de nossos pecados e iluminação para nos guiar no “caminho da paz”. À medida que prossegue em seu evangelho, Lucas retomará esses temas muitas vezes, destacando como a vinda do Messias traz restauração e justiça — paz verdadeira e duradoura.

Medite em Lucas 1.57-80.

Onde você vê o grandioso poder de Deus nesta passagem? Onde você vê a misericórdia e a graça de Deus? Ore, expressando sua resposta a Deus.

Natal do que não é pai

J. D. PEABODY



E ele lhe pôs o nome de Jesus.

(MATEUS 1.25)

A maior reivindicação de fama de José está justamente no fato de quem ele não era. Nós o conhecemos como aquele que “não era o verdadeiro pai” de Jesus. Mateus enfatiza quão pouco José teve a ver com o desenrolar da história da redenção, desde a gravidez de Maria até o local do nascimento de Cristo e os eventos que levaram a família a fugir para o Egito.

As Escrituras também retratam José como alguém visivelmente silencioso. Ele não profere sequer uma palavra que tenha sido registrada. Em consequência disso, José muitas vezes fica encoberto ou é motivo de nossas conjecturas. Queremos saber mais. No entanto, talvez a não contribuição de José seja exatamente o que Deus quer que nos lembremos.

O papel mais significativo desse homem é sua aparente falta de papel. Seu envolvimento reduzido encapsula

um princípio central do evangelho: a salvação pertence a Deus somente. A história de José nos lembra de que não somos os orquestradores de nosso próprio resgate. O anjo não disse a José: “Aqui está o que Deus quer, então, agora vá e faça acontecer”. Ele disse, essencialmente: “Aqui está o que Deus fez acontecer, e aqui está como receber essa verdade”.

Teria sido compreensível que José ficasse ressentido pela vida não estar se desenrolando como o esperado. Contudo, em vez de concentrar o foco em tudo aquilo do que lhe pediram que abrisse mão, José abriu-se para uma realidade maior: este filho era o Prometido, a chave para a redenção do mundo todo por Deus. E, se Jesus verdadeiramente era uma boa nova para todos os povos, isso incluía José. O plano maior para a humanidade também significava salvação para ele, pessoalmente.

Portanto, vale a pena notar que o silêncio de José é quebrado com uma única palavra. Ele não é citado diretamente, mas nos é dito que ele falou, e a palavra foi Jesus. Somente a José coube a honra de dar à criança um nome que significa “Deus salva”.

Mateus liga esse nome ao texto de Isaías, que identifica o Messias como Emanuel — Deus conosco. *Jesus* e *Emanuel* são nomes praticamente intercambiáveis; a presença de Deus torna nossa salvação possível, e nossa salvação nos permite estar em sua presença.

Para José, atribuir-lhe um nome era mais do que seguir as ordens do anjo. Era uma declaração. O homem que nada dizia agora fala em alto e bom som. Em seu desamparo, quando seu mundo saiu do prumo, a resposta de José foi *Jesus*. *Deus salva*.

À medida que se desenrolavam eventos sobre os quais José tinha pouco controle, ele pôde tomar para si as palavras do profeta: *Emanuel*. *Deus está comigo*. E, logo, quando enfrentaria tamanho perigo que ele e sua família teriam que correr para sobreviver, José carregou a verdade em seus próprios braços. Jesus. Deus salva. Emanuel. Deus vai conosco.

Embora seja pequeno o espaço atribuído a José na narrativa, talvez isso seja uma coisa boa. Em José, podemos ver nossa própria pequenez e nos lembrar que a salvação pertence ao Salvador, que está conosco até o fim.

Leia Mateus 1.18-25.

Como o ato de José, de dar nome a Jesus, fala a você? O que você imagina que esse nome significava para José, enquanto ele cuidava do menino Jesus?

Um rebanho de pastores

J. D. PEABODY

Havia pastores que estavam nos campos próximos e durante a noite tomavam conta dos seus rebanhos.

(LUCAS 2.8)

Quando minha esposa, Karin, estava na pré-escola, ela encenou uma Maria em miniatura em um presépio vivo. Embora fosse uma ideia adorável, a realidade de ter animais vivos perto de uma criança de três anos de idade foi aterrorizante para ela. Ela chorava histericamente, não querendo tomar parte em nada daquilo. Para consolá-la, seu pai entrou em cena e deitou-se no chão, entre ela e os animais, formando uma barricada humana, para que a filha se sentisse segura. Ele cobriu-se por inteiro com palha, de modo que quem visitasse o presépio vivo não percebesse.

Essa é uma imagem impressionante do que é o pastoreio. Em Lucas 2, os pastores “tomavam conta dos seus rebanhos” durante a noite — o que destaca os perigos reais que há no escuro. Esse era o momento em que ladrões e predadores representavam a maior ameaça. Assim, os pastores se colocavam na frente do perigo, protegendo suas ovelhas com a própria vida.



Mas no relato de Lucas sobre o nascimento de Jesus, os pastores também são ovelhas. Naquele primeiro Natal, o Senhor se revelou na história como o Bom Pastor, que cuida dos próprios pastores como parte de seu rebanho.

Considere o quanto a atenção de Deus aos pastores se assemelha à descrição que Davi faz de Deus como pastor, no Salmo 23. Deus supriu a necessidade dos pastores — uma necessidade que eles podem sequer ter chegado a articular. Ele acalmou-lhes a alma com as palavras do anjo: “Não temam”. Ele os guiou pelas veredas da justiça até a manjedoura. Mostrou que estava com eles da maneira mais humilde e relacionável: Como um bebê deitado em uma manjedoura. Ele restaurou-lhes a alma com uma mensagem de esperança e pertencimento — mensagem que cumpriu exatamente “como lhes foi dito”. Ele encheu-lhes o cálice até que transbordasse de louvor “por todas as coisas que tinham ouvido e visto”. E não apenas atendeu à necessidade deles; ungiu-lhes a cabeça com o

óleo da alegria. Mostrou-lhes bondade e misericórdia que, sem dúvida, permaneceriam com eles todos os dias de sua vida.

Eu preciso desse tipo de cuidado. Como pastor, sou grato por este lembrete de que os pastores também fazem parte do rebanho. Sou grato por esse Salvador que conhece bem as suas ovelhas medrosas, que entregou a própria vida deitando-se no feno, colocando-se entre nós e expondo-se a todos os perigos.

E sou grato pelo fato de que, quando nossa alma ansiosa precisa de cuidados, o Senhor continua a pronunciar paz na terra na voz reconhecível de nosso Bom Pastor. Esta é realmente uma boa nova de grande alegria para todo o povo.

Contemple Lucas 2.1-21.

Opcional: Leia também
Salmos 23 e João 10.2-4,11,14.

Como você vê o cuidado de Deus — e o caráter de Deus — no relato dos pastores? O que isso enfatiza sobre Jesus para você?

Ao ver Jesus, eles souberam

KRISTIE ANYABWILE

Ter filhos é duro, e para marinheiros de primeira viagem a tarefa traz um peso extra de dificuldade. Tudo é novidade — desde sentir as primeiras vibrações da vida no útero, segurar e ver seu filho pela primeira vez, até o primeiro banho, as primeiras mamadas, as primeiras palavras, os primeiros passos. São tantas *primeiras vezes!*

Imagine como foi para José e Maria a viagem com seu recém-nascido, de Belém para Jerusalém. A jornada teria levado algumas horas de caminhada. Em fiel obediência, viajaram pela primeira vez como pais novatos, participando do costume de dedicarem a si mesmos e a seu filho a Deus.

Tudo corria de acordo com o costume, até que o justo e devoto Simeão chegou. Ele estivera esperando a libertação de

Israel e, ao entrar nos pátios do templo, ele a experimentou pela primeira vez. Naquele momento, Deus cumpriu sua promessa de que Simeão viveria para ver o Messias. Ao ver o menino Jesus, ele *soube*.

E Simeão não apenas o viu — ele o *segurou* nos braços. Naquele momento, ele compreendeu de forma tangível que a salvação de Deus anunciada pelos profetas seria não só algo de escala global, mas também íntimo e pessoal. A salvação em si fora encarnada naquele bebê que arrullhava e se agitava em seus braços. Enquanto Simeão adorava e falava da salvação de Deus, Maria e José se maravilhavam, provavelmente lembrando-se da instrução dos anjos de que deveriam chamar a seu filho de Jesus, nome que falava da salvação de Deus.



*Pois os meus olhos já
viram a tua salvação,
que preparaste à vista
de todos os povos.*

(LUCAS 2.30-31)

Enquanto Simeão falava com Maria, Ana aproximou-se deles e confirmou o cântico profético de adoração de Simeão, ela própria também louvando a Deus. Por décadas, toda a vida de Ana se concentrara em adorar a Deus, orar e jejuar. Ao ver Jesus, Ana *soube*. Ela soube que esta era a criança que eles estiveram esperando para redimir o povo de Deus, de modo que ela falou de Jesus para todos que quisessem ouvir. A luz prometida às nações tinha chegado.

Em Maria e José, em Simeão e Ana, vemos vislumbres de como é essa devoção a Deus e um viver piedoso. Vemos obediência e fé, disciplina e dedicação, espera e adoração. Eles viram o Emanuel. Eles o seguraram nos braços. Eles conheceram o Emanuel. E falaram dele.

Ao celebrarmos o Emanuel, neste Advento, andemos em obediência fiel, como Maria e José andaram. Vamos ser como Simeão e colocar em prática a atitude de sermos devotos, retos e adoradores. Vamos orar, jejuar e falar de Jesus a todos que ouvirem, como fez Ana. Não há redenção em nenhum outro nome.

Refleta em Lucas 2.22-40.

O que mais atrai você nas histórias de Simeão e Ana? Como os exemplos deles — e os de Maria e José — encorajam e inspiram você nesta véspera de Natal?

25

DE DEZEMBRO

DIA DE NATAL

Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz. Ele estenderá o seu domínio, e haverá paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, estabelecido e mantido com justiça e retidão, desde agora e para sempre.

(ISAÍAS 9.6-7)

Leia Isaías 7.14 e 9.1-7

Celebre com alegria o nascimento de Jesus.

→





Epifania



Luz do mundo, Esperança das nações

RASOOL BERRY

Ao longo da história, a humanidade sempre olhou para o céu noturno em busca de sinais do alto. Essa propensão levou muitos a adorarem estrelas e corpos celestes. Em Gênesis 1, os termos sol e lua não são usados; em vez disso, eles são descritos como luminares maior e menor (v. 16), provavelmente para evitar os nomes que comumente eram evocados na adoração de ídolos no antigo Oriente Próximo.

No entanto, para revelar sua aliança, Deus logo usaria essa mesma tendência humana de buscar por sinais nas estrelas: Ele ordenou a Abraão que olhasse para o céu e visse as inúmeras estrelas, prenunciando a bênção de sua descendência para as nações. Centenas de

Quando tornaram a ver a estrela, encheram-se de júbilo. Ao entrarem na casa, viram o menino [...] e, prostrando-se, o adoraram.

(MATEUS 2.10-11)

anos depois, porém, quando os filhos de Abraão foram exilados para a Babilônia, parecia que as trevas das nações haviam tragado a luz. A esperança parecia estar perdida.

Em Mateus 2, porém, encontramos uma inesperada reviravolta redentora! Encontramos os magos — provenientes de uma elite conhecida pela astrologia (e idolatria) e, provavelmente, vindos da mesma região onde o povo de Deus havia sido exilado —, homens cujo conhecimento dos céus os levou a crer na promessa de Abraão. *Será que as histórias contadas por Daniel e os exilados na Babilônia finalmente aconteciam?* Provavelmente se aventurando na mesma jornada de 1.400 quilômetros, da antiga Babilônia até Jerusalém, que os exilados fizeram em sua volta, tantos anos antes, os magos buscavam uma resposta para uma única pergunta: “Onde está o recém-nascido rei dos judeus?” (Mateus 2.2).

Sua indagação revelava um profundo anseio espiritual: “Vimos sua estrela [...] e vimos adorá-lo” (Mateus 2.2). A jornada deles era o cumprimento da visão profética de Isaías e uma antecipação do que estava por vir: “Eu farei de vocês

luz para as nações, para que minha salvação chegue até os confins da terra” (49.6, ESV). A “luz menor” da estrela apontava os magos para a “luz maior”, na pequena cidade de Belém, que era brilhante o suficiente para iluminar as nações. A luz veio ao mundo, e as trevas não a venceram.

A luz da Epifania — a aparição de Deus na vinda de Jesus — continua a oferecer esperança a todas as nações que tateiam no escuro, em busca da verdade divina. E, como os magos nos mostram, esta é uma notícia boa demais para guardarmos para nós mesmos! Esses sábios do Oriente continuam a nos ensinar que nós também devemos viajar por toda parte para compartilhar a notícia de que Jesus é a Luz do mundo e a Esperança das nações. Como as Escrituras nos dizem: “Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1Pedro 2.9).

Refleta em Mateus 2.1-12
e Isaías 49.6; 60.3

O que a visita dos magos revela sobre a identidade e o propósito de Jesus? Como o Espírito está levando você a responder a Jesus, a Luz do mundo?



ALICIA AKINS é estudante de pós-graduação em estudos bíblicos no Reformed Theological Seminary, em Washington, D.C., e autora de *Invitations to Abundance*.



KRISTIE ANYABWILE é autora de *Literarily: How Understanding Bible Genres Transforms Bible Study* e editora de *His Testimonies, My Heritage*.



CAROLYN ARENDS é música, autora e diretora de educação da Renovaré. Seu álbum mais recente é *In the Morning*.



RASOOL BERRY atua como pastor na área de ensino na The Bridge Church, no Brooklyn, Nova York. Ele também é o anfitrião do podcast *Where Ya From?*



CRAIG L. BLOMBERG é distinto professor emérito de Novo Testamento no Denver Seminary e autor de vários livros, entre eles seu comentário sobre *Mateus* e *Interpreting parables*.



MARLENA GRAVES é professora de formação espiritual no Northeastern Seminary. É autora de vários livros, entre eles *The Way Up Is Down*.



KELLY M. KAPIC é teóloga do Covenant College e autora ou editora de vários livros, entre eles *Embodied Hope* e *You're Only Human*.



JAY Y. KIM serve como pastor principal na WestGate Church. É autor de *Analog Church* e *Analog Christian*; mora com a família no Vale do Silício.



GLENN PACKIAM é o pastor principal da Rockharbor Church, em Costa Mesa, Califórnia. É autor de *The Resilient Pastor* e coautor de *The Intentional Year*.



J. D. PEABODY pastoreia a New Day Church, em Federal Way, Washington, e é autor de *Perfectly Suited: The Armor of God for the Anxious Mind*.



MADISON N. PIERCE é professora associada de Novo Testamento no Western Theological Seminary. Entre seus livros está a obra *Divine Discourse in the Epistle to the Hebrews*.



ADRIEL SANCHEZ é pastor da North Park Presbyterian Church, em San Diego, e apresentador do *Core Christianity*, um programa de perguntas e respostas transmitido por rádio e podcast.



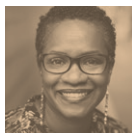
SARAH SHIN é doutoranda em teologia sistemática na Universidade de Aberdeen, Escócia. É autora de *Beyond Colorblind: Redeeming Our Ethnic Journey*.



BETH STOVELL ensina Antigo Testamento no Ambrose Seminary. É coeditora de *Theodicy and Hope in the Book of the Twelve* e autora dos comentários *Minor Prophets I and II*, no prelo.



JEREMY TREAT é pastor da Reality LA e professor adjunto da Biola University. É autor de *Seek First* e *The Crucified King*.



DORENA WILLIAMSON é plantadora de igrejas, oradora e autora de *ColorFull, The Celebration Place, Crowned with Glory* e *Brown Baby Jesus*.

Ideias para famílias

DURANTE O ADVENTO

- Com adolescentes ou pré-adolescentes, leiam e discutam as devocionais juntos todas as noites. Com crianças mais novas, concentrem-se apenas nas passagens das Escrituras e nas sugestões de reflexão.
- Comecem um diário familiar para o Advento. Na parte de cima de cada página, escrevam: “Jesus é ...”. Depois de lerem e discutirem a passagem do dia, peçam aos membros da família que escrevam uma expressão ou frase ou rabisquem uma imagem para registrar suas ideias sobre Jesus.

A QUALQUER MOMENTO DURANTE O ADVENTO

- Montem um quebra-cabeça simples em família *sem* olhar a imagem do quebra-cabeça finalizado. Depois, discutam de que modo ver as partes do quebra-cabeça se juntando ajudou vocês a verem a imagem mais ampla com mais clareza. Discutam sobre como as promessas da Bíblia nos ajudam a desenvolver uma imagem mais completa de quem é Jesus.
- Joguem “Quem sou eu?” (também chamado de jogo das 20 Perguntas) em família. Discutam sobre como quanto mais aprendemos, mais fácil é identificar ou reconhecer alguém. Falem sobre como as promessas das Escrituras sobre Jesus nos ajudam a entender sua identidade.

SEMANA 1: DEUS PODEROSO

- Olhem juntos as fotos de bebê de cada membro da família. Discutam as limitações e as habilidades de um recém-nascido humano. Explore como é incrível o fato de Jesus — o Deus Poderoso — ter nascido como uma criança humana.
- Usem Legos, blocos de montar ou outros materiais de artesanato para fazer um castelo. Conversem sobre o reino eterno e o reino de Deus usando conceitos de Apocalipse 21.1-4.

SEMANA 2: PRÍNCIPE DA PAZ

- Criem jogos americanos para usar nas refeições durante o Advento, colorindo mapas do mundo. Discutam a ideia de que a paz de Jesus e a salvação que ele oferece são para o mundo inteiro — para pessoas de todas as nações, línguas e culturas.
- Convidem todos a citarem injustiças, erros, tristezas, medos ou casos de violência do mundo de hoje que vocês desejam que Jesus corrija. Escrevam-nos em uma cartolina. Juntos, rasguem a cartolina em pedaços e cole os pedaços juntos (com o lado do texto virado para baixo) em forma de cruz para representar a paz definitiva que Jesus trará.

SEMANA 3: LUZ DO MUNDO

- Observem as estrelas ou vejam imagens online do Telescópio Espacial James Webb da NASA. Discutam de que modo a luz rompe as trevas — e de que modo Jesus é como uma luz para nós, brilhando mesmo em tempos sombrios.
- Conversem sobre compartilhar a luz de Jesus com os outros. Compre bastões luminosos e criem etiquetas com uma mensagem simples que seus filhos queiram compartilhar, algo como “Jesus é a Luz do Mundo. Jesus te ama!” Em seguida, caminhem ou dirijam até as casas próximas da sua, para entregar essas mensagens a amigos e vizinhos.

SEMANA 4: EMANUEL

- Ao percorrer histórias e experiências das pessoas em torno do nascimento de Jesus, tragam essas experiências para a vida, discutindo juntos estas questões: O que vocês imaginam que determinada pessoa sentiu, pensou ou imaginou? Como vocês imaginam que reagiriam se estivessem no lugar dela? Por quê?
- Juntos, façam pulseiras com fios de lã ou com contas e usem-nas diariamente, durante a semana. Incentivem seus filhos a se lembrarem desta verdade toda vez que virem a pulseira: Deus está conosco, aqui e agora.

Ideias para grupos

DURANTE O ADVENTO

- Para usar este recurso com seu grupo de estudo bíblico, incentive os membros a lerem as passagens diárias das Escrituras, das devocionais e as sugestões de reflexão. Quando se reunirem, selecione várias das passagens bíblicas lidas naquela semana e das perguntas para reflexão, a fim de orientar sua discussão.
- Imprima o libreto do *Messias* de Handel. Selecione trechos para ler em voz alta e ouça partes da música que enfatizem o tema da semana.

SEMANA 1: DEUS PODEROSO

- Brinque com um jogo de identidade: faça com que todos anotem anonimamente, em um pedaço de papel, um fato pouco conhecido sobre si mesmos. Recolha os papéis e leia as respostas, depois se revezem para adivinhar quem disse o quê. Continue o jogo até que todos tenham sido descobertos. Discuta o objetivo de conhecer a Jesus — a quem você já conhece e ama — ainda mais profundamente durante o Advento.

SEMANA 2: PRÍNCIPE DA PAZ

- Compare e contraste nossa compreensão comum e muitas vezes limitada da paz com a visão de um *shalom* que se expande, nas promessas de Isaías e em outras partes das Escrituras. Opcional: Criem juntos uma colagem, escrevendo palavras e colando imagens de revistas em um cartaz, para representar a natureza holística do *shalom*.

SEMANA 3: LUZ DO MUNDO

- Escureça a sala e peça a cada pessoa que acenda uma vela, enquanto cada um lê em voz alta uma passagem ou um versículo-chave das passagens bíblicas designadas para esta semana. Ao ler e ouvir as passagens, concentre-se em contemplar em oração a identidade de Jesus como a Luz do Mundo.

SEMANA 4: EMANUEL

- Pense em todas as diferentes pessoas envolvidas nos eventos em torno do nascimento de Jesus e, em seguida, convide todos do grupo a compartilhar com quem eles mais se identificam e por quê. Peça aos membros do grupo que se concentrem principalmente em como sua jornada espiritual pode trazer ecos de uma dessas cenas ou experiências das Escrituras.

Porque um menino nos nasceu . . .

ISAÍAS 9:6

CT

CHRISTIANITY TODAY